Terra de Gigas, de Arcimboldo: óleo sobre madeira, cerca de 1570

MENSAGENS DO REINO ANIMAL

Reunindo conceitos da zoologia, da ecologia e da psicologia, a etologia se firma como a ciência que investiga o comportamento dos animais.

Págs. 6 e 7

Letrinhas maravilhosas

Histórias que falam direto ao coração das crianças. Pág. 16

Colagem com personagens de Lobato, por Lebianc

Jornal da UNESP

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
NOVEMBRO/97 - ANO XIII - Nº 119

O samba da nossa terra

Acervo Museu da Imagem e do Som

Rotulada como "túmulo do samba", São Paulo mostra suas batucadas de bamba.

Págs. 8 e 9

Pau pra toda obra

Cemeq comemora oito anos com 30 mil serviços prestados à Universidade. Pág. 5

Não vale quanto pesa

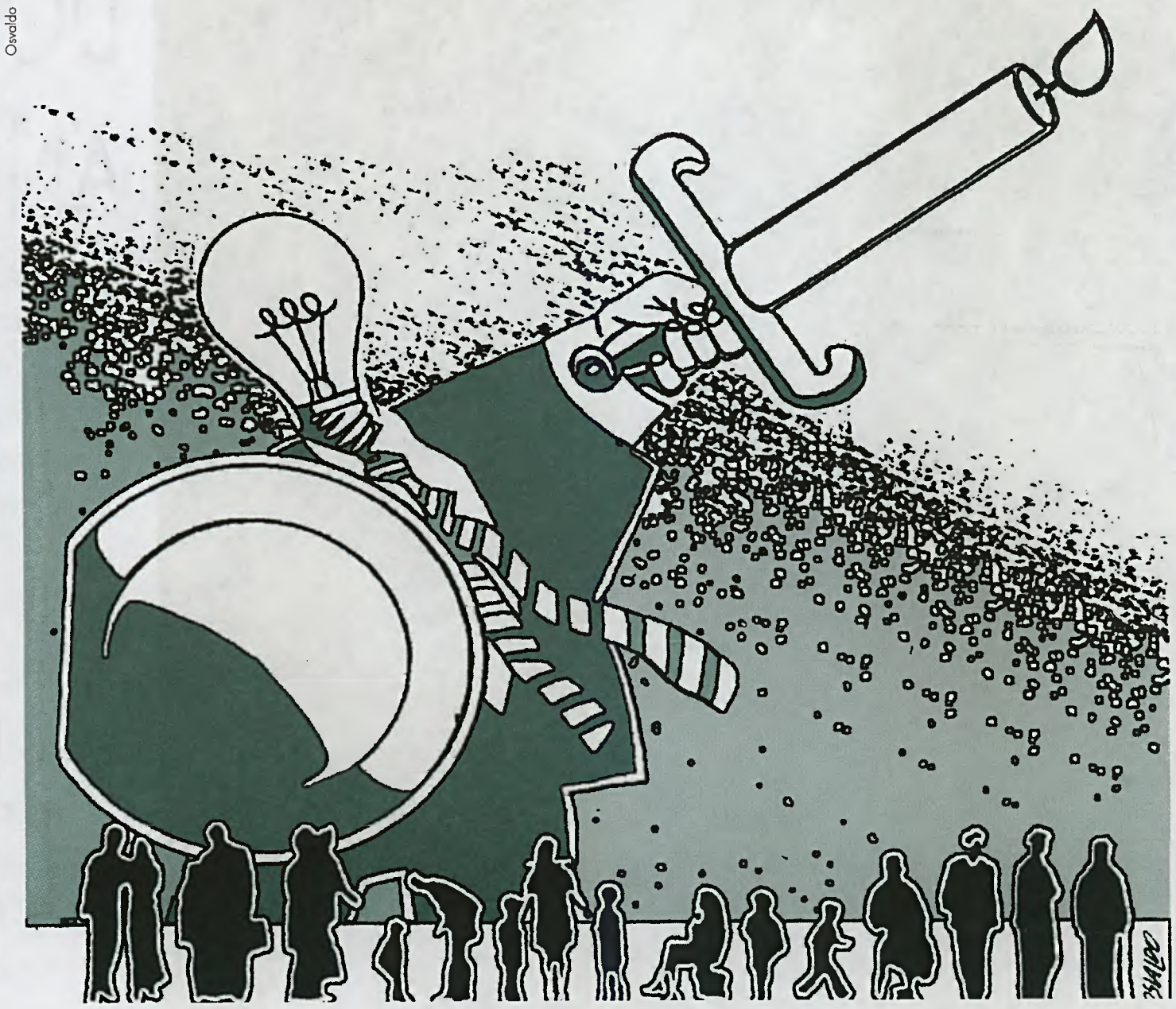
Cuidado: bebê fofo nem sempre é sinônimo de bebê saudável. Pág. 11

Plano de Carreira: ajustes, antes da implantação. **Pág. 3**

O futuro da universidade (II)

DULCE ANDREATTA WHITAKER

Osvaldo



Defendemos, na primeira parte deste artigo (edição de outubro de 97), um posicionamento da universidade face às condições de exclusão e retrocesso promovidos pela "nova" ordem econômica. Passamos agora a alguns fatores internos à universidade que consideramos cruciais na definição dos problemas então apontados.

Hoje, mais do que nunca, necessitamos de pesquisas e estudos que possam dar conta do verdadeiro conteúdo dos diferentes modelos de universidade do nosso País. A primeira questão seria interrogar sobre qual o público que demanda essas universidades. Estamos entrando agora na segunda ordem de problemas sobre os quais devemos refletir. Parecem menores, mas não se apresentam menos complexos do que aqueles do nível macro e nem menos obscurecidos pela ideologia do mercado. Por exemplo, proclamou-se, durante muito tempo, que, no Brasil, a universidade pública está reservada aos mais ricos, enquanto os pobres (que nunca puderam pagar escolas) entram nas universidades particulares e, milagrosamente, podem pagar suas caríssimas mensalidades. A pesquisa que acompanhou o provão do atual ministro da educação teve pelo menos o mérito de revelar o óbvio: os pobres não estão em nenhuma das duas universidades, pelo menos em nenhum daqueles cursos de prestígio atingidos pelo provão. Afirmo, no entanto, que, quando chegam ao curso superior, estarão mais facilmente na universidade pública, pelo menos enquanto não tiverem que pagar por ela.

Pesquisas que realizo lá muitos anos sobre vestibulares permitem-me afirmar com segurança que o divisor de águas entre o ingresso dos mais aquinhoados jovens e o dos trabalhadores que estudam não está entre diferentes tipos de universidade, mas entre diferentes tipos de curso. Pesquisas (com dados da Vunesp) mostram que jovens com indicadores mais elevados de status *se dirigem para cursos mais imediatamente profissionalizantes, como Medicina e Direito, enquanto os heróicos trabalhadores juvenis buscam cursos de menor procura, que, não por acaso, são os cursos que preparam para o magistério e, paralelamente, orientam para a carreira científica , o que abre caminhos inesperados de ascenção profissional. É claro que isto é apenas polarização de um fenômeno mediatizado por inúmeras variáveis ligadas à localização dos câmpus, ao grau de urbanização do município que abriga o curso e às características da unidade na qual se situa.*

Outra falácia a ser desmistificada é a de que jovens que trabalham procuram principalmente os cursos de Ciências Humanas, o que colocaria esta área numa posição inferior em relação às outras duas, numa hierarquização de prestígio e elitização. Os dados mostram que um curso da área de Humanas será muito mais elitizado do que uma engenharia, dependendo, evidentemente, da carreira para a qual prepara, porque exige savoir faire *e um capital cultural que as Exatas podem dispensar para o jovem pobre se ele for inteligente e talentoso. Estes dados apontam vários problemas a serem equacionados na universidade a partir da experiência da sala de aula. Estudantes pobres, mal vestidos, com sintaxe em desacordo com a norma culta incomodam. São exemplos vivos das desigualdades dentro das torres de marfim. As ações afirmativas das universidades estaduais paulistas que visam atenuar dolorosas condições de pobreza são as provas definitivas de que os pobres estão na universidade pública. Mas elas são muitas vezes criticadas como assistencialismo e a esses estudantes nem sempre é dado o direito de se lamentarem como vítimas que foram e ainda são das desigualdades sociais que se aprofundam a cada dia. Chegaram finalmente à meca dos saberes e é bom que parem de se lastimar e procurem fingir que estão aprendendo, tal como faz a maioria dotada de capital cultural, melhor preparada para representar o papel de universitários.*

Minhas pesquisas sugerem, no entanto, que, apesar da falta de incentivo à ciência no País, ou talvez por isso mesmo, um dos mecanismos de ascenção social ainda em funcionamento por aqui, para jovens pobres e talentosos, é a pesquisa em ciência pura. Famílias com alto poder aquisitivo sabem orientar seus filhos para carreiras com mercado de trabalho imediato. Assim é que muitas áreas de pesquisa básica ficam reservadas, ou melhor, sobram para aqueles que não puderam se preocupar com o mercado. Investigação interessante seria a de descobrir que grau de compreensão as universidades desenvolveram hoje em relação a seus alunos mais pobres. E ainda que tipo de preocupação social envolve seus mestres. Percebem eles a devastação do planeta e das classes vulneráveis diante da avassaladora vitória dos mecanismos de mercado? Compreendem a necessidade de políticas compensatórias para estudantes negros e pobres, ou tratam de retirar cuidadosamente as escadas pelas quais ascenderam no mundo acadêmico para que outros não as possam utilizar? Possuem comportamento diferenciado ou repetem a insensibilidade dos jovens da elite que entram na universidade apenas para credenciamento de status *social?*

A universidade precisa se conhecer melhor para descobrir o que a torna tão insensível aos destinos do planeta e da humanidade. Tomei apenas duas ordens de problemas gerados pela competição desenfreada que impulsiona a produtividade quantitativista dos meios acadêmicos, aumentando o grau de insensibilidade que sempre nela existiu. Há forte intersecção entre essas duas ordens de problemas. Que tipo de formação recebem os jovens que a ela chegam carregados de ideais? Que domesticação é essa que destrói a massa crítica e cria escravos titulados em todos os níveis, dentro e fora da universidade?

E agora sim encontro uma chave, talvez um critério, para avaliar nossa miríade de universidades em futuro próximo, quando as cadeias impostas pela ditadura do mercado forem rompidas. Poderá então um historiador do futuro perceber aquelas que foram realmente universais em seus propósitos de qualidade e decidir quais foram verdadeiramente universidades, em meio ao festival de quantitativismo que assola o sistema. Mas, se tais critérios forem perdidos, saberemos que a expansão desordenada do número de universidades no País nesta virada de milênio tinha propósitos definidos. Contrariamente ao que afirma Cristovam Buarque em seu livro apaixonado, A Aventura da Universidade *(Editora UNESP/Paz e Terra), que tive a honra de resenhar, a universidade não estará fadada a desaparecer, já que nunca terá sido tão útil ao nosso* apartheid *social a ser consolidado com sua cumplicidade.*

Dulce Andreatta Whitaker é professora aposentada pela UNESP e pesquisadora do CNPq junto ao programa de pós-graduação em Sociologia da UNESP, em Araraquara. Publicou, entre outros, os seguintes livros: *A seleção dos privilegiados, Globalização e escolha da carreira* e *Mulher-Homem — O mito das desigualdades.*

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva
Vice-reitor: Luis Roberto de Toledo Ramalho
Pró-reitor de Administração: Ricardo Antonio de Arruda Veiga
Pró-reitora de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bicudo
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Fernando Mendes Pereira
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Edmundo José De Lucca
Secretária Geral: Maria de Lourdes Mariotto Haidar
Diretores das Unidades Universitárias: João César Bedran de Castro (FO-Araçatuba), Paulo Eduardo de Toledo Salgado (FCF-Araraquara), Welingtom Dinelli (FO-Araraquara), Cláudio Gomide de Souza (FCL-Araraquara), José Roberto Ernandes (IQ-Araraquara), Antônio Quelce Salgado (FCL-Assis), Cleide Santos Costa Biancardi (FAAC-Bauru), José Misael Ferreira do Vale (FC-Bauru), Edwin Avolio (FET-Bauru), Elias José Simon (FCA-Botucatu), Paulo Eduardo de Abreu Machado (FM-Botucatu), Sheila Zambello de Pinho (IB-Botucatu), Eunice Oba (FMVZ-Botucatu), Neide Aparecida de Souza Lehfeld (FHDSS-Franca), Fernando Augusto Silva Marins (FE-Guaratinguetá), Orivaldo Arf (FE-Ilha Solteira), Júlio Cézar Durigan (FCAV-Jaboticabal), Antônio Geraldo de Aguiar (FFC-Marília), Alvanir de Figueiredo (FCT-Presidente Prudente), Osvaldo Aulino da Silva (IB-Rio Claro), Silvio Carlos Brey (IGCE-Rio Claro), Wilson Maurício Tadini (Ibilce-São José do Rio Preto), José Eduardo Junho de Araújo (FO-São José dos Campos) e Regina Coeli Guedes de Souza Pinto (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP

Editor chefe: José Roberto Ferreira
Editor: Paulo Velloso
Redação: Evanildo da Silveira, Oscar D'Ambrosio e Waltair Martão
Editor de Arte: Celso Pupo
Edit. Eletrônica: Paulo Nunes Rocha
Fotografia: Monica Richter
Colaboraram nesta edição: Baptistão, Mariza Dias Costa, Osvaldo e Paulo Zilberman (ilustração) e Hélcio Toth e Noélia Ipê (fotografia)
Produção: Mara R. Marcato e Patrícia do Carmo
Revisão: Maria Luiza Simões
Tiragem: 15.000 exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.
A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Alameda Santos, 647, 13º andar, CEP 01419-001, São Paulo, SP. Teletone (011) 252-0323 e 252-0327. Fax (011) 252-0207.
Fotolito e Impressão: Imprensa Oficial

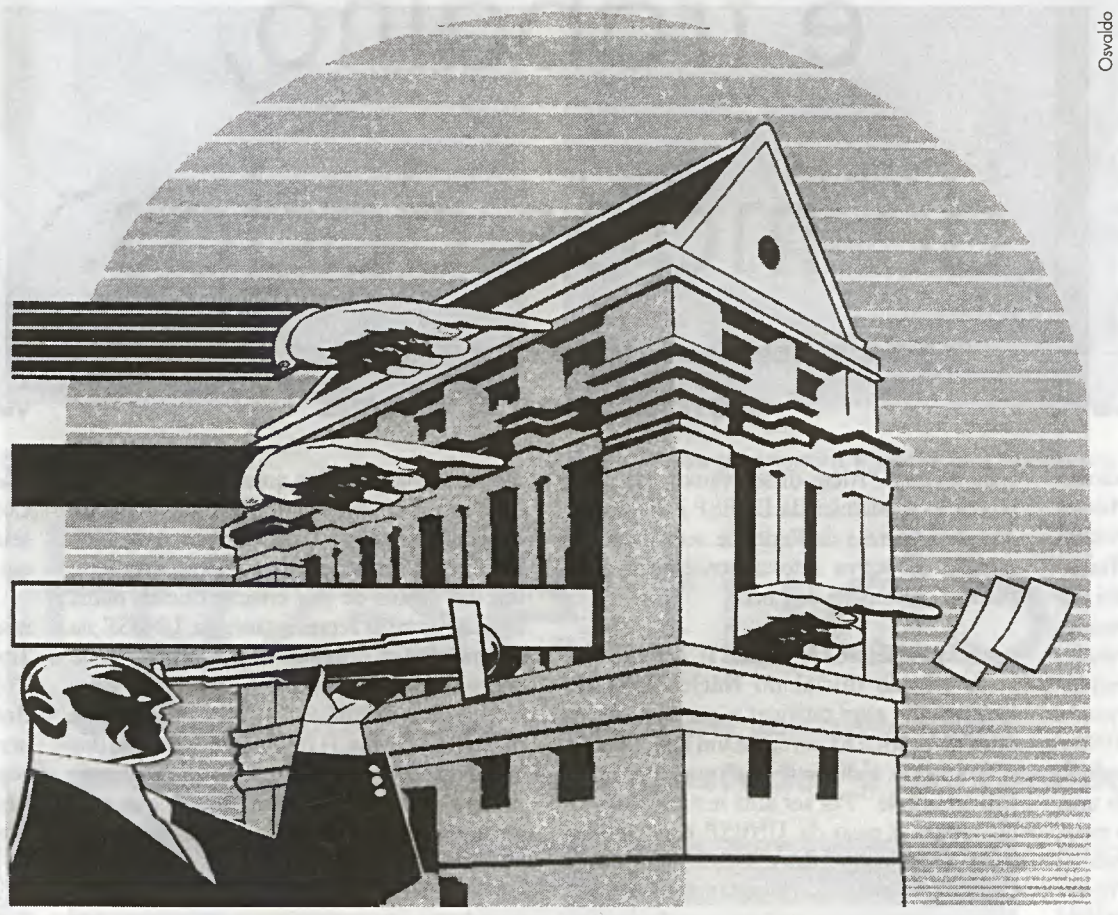
PLANO DE CARREIRA

Revisão, em três meses.

Conselho Universitário decide que Plano de Carreira deve passar por ajustes antes de ser implantado

O Plano de Carreira dos servidores técnicos e administrativos da Universidade está sendo revisto e sua implantação depende de alterações que serão apresentadas ao Conselho Universitário (C.O.) até o início de janeiro próximo. A decisão é do próprio colegiado, tomada na sessão extraordinária do dia 9 de outubro, depois de quase oito horas de discussão.

Aprovado no dia 14 de janeiro, último dia da gestão anterior, o Plano não fora colocado em prática nos meses imediatamente seguintes por falta de recursos. No planejamento orçamentário feito pela Reitoria, na atual gestão, a implantação iria ocorrer em outubro. No entanto, o conselheiro Arif Cais, professor do Ibilce/S.J.Rio Preto, apresentou uma indicação propondo a revisão, que foi acatada pelo C.O. Arif aponta como um problema grave do Plano o reenquadramento linear de 144 das 146 funções existentes na UNESP. "Dessa maneira, todos os aposentados também receberiam os benefícios do reenquadramento", observa. "Há pessoas que estão fora da Universidade há dez anos, recebem aposentadorias entre cinco e seis mil reais e ainda teriam reajuste de 25%", informa. Aliás, os maiores salários dentre os servidores também são objeto de preocupação perante o Plano. "Doze por cento dos servidores que recebem os melhores salários consomem 48% da folha", informa Arif. "Pelo Plano, as funções melhor aquinhoadas continuariam sendo bem aquinhoadas, em prejuízo dos servidores que recebem os menores salários."



Osvaldo

O professor do Ibilce aponta também que o ADP, sigla para Acompanhamento de Desenvolvimento Profissional, precisa ser melhor caracterizado no Plano. "Esse é um mecanismo importante para a valorização do servidor, mas só está expresso em intenções", observa Arif Cais.

Ao final da sessão do dia 9, com a concordância de todos os membros do Conselho Universitário, foram consideradas necessárias três ordens de providências. Uma delas, redefinir o enquadramento dos servidores no Plano, mediante alteração dos elementos que constituem o salário base (como o tempo de serviço, por exemplo), e, ao mesmo tempo, estabelecer as formas que indicarão qual o limite máximo do salário base para os servidores técnico-administrativos. Outra, rever: *a)* o tratamento dado às funções de confiança; *b)* a diferenciação dentre as carreiras de nível superior; *c)* as trajetórias e as regras pertinentes ao Acompanhamento do Desenvolvimento Profissional – ADP, principalmente no que se refere à possível prevalência do enfoque psicológico; *d)* as tabelas relativas ao Plano de Carreira do pessoal da área de informática. Por fim, ficou acertado que, no processo de ajuste, se dará prioridade às questões cujas respostas são fundamentais para a implantação do Plano.

As propostas de correção deverão ser elaboradas em até 90 dias, por uma comissão composta por três docentes e dois servidores, membros do C.O., mais dois servidores da Reitoria*. As propostas serão, então, encaminhadas ao Conselho Universitário, que as analisará. Uma vez aprovadas, o Plano será imediatamente implantado.

* *Docentes*: Sheila Zambello de Pinho, Cláudio Benedito Gomide de Souza, José Brás Barreto de Oliveira; *servidores*: James Reginaldo Ribeiro da Motta e Marlene Aparecida Gasque, pelo Conselho Universitário. Maria José Franciscado Lisboa, coordenadora da Coordenadoria de Recursos Humanos, e Rogério Luiz Bucelli, representante da Assessoria de Planejamento e Orçamento. Haverá o acompanhamento da Assessoria Jurídica, por meio da procuradora Eliete Ferreira Nacarato.

PLANO DE GESTÃO

Os projetos das assessorias

Órgãos de assessoramento expõem estratégias de atividades

Dentro das diretrizes traçadas pelo Plano de Gestão do reitor Antonio Manoel dos Santos Silva, apreciado pelo Conselho Universitário em 29 de agosto passado, as assessorias da Reitoria têm papel importante a cumprir. Assim como ocorrera com as pró-reitorias (*matéria na edição anterior)*, os órgãos de assessoramento também elaboraram projetos pelos quais pautarão suas atividades nos próximos anos.

A Assessoria de Informática (AI), por exemplo, tem entre suas prioridades resolver o problema da falta de softwares (programas de computador). "Para isso, realizamos um projeto de licenciamento dos programas da Microsoft para toda a Universidade", explica o assessor chefe, Adriano Mauro Cansian. "Esse projeto, ainda em fase de licitação, permitirá que a UNESP consiga descontos especiais e possa atender 70% de suas necessidades de software."

Cansian destaca também, entre os muitos projetos da AI, o da rede de bibliotecas. "Em conjunto com a Coordenadoria Geral de Bibliotecas, estabelecemos um projeto de interligação em rede de todas as bibliotecas da UNESP", explica. "Com isso, vamos automatizar e unificar todos os procedimentos, desde consultas bibliográficas até aquisição de publicações."

A Assessoria de Planejamento e Orçamento, segundo o assessor chefe, José Jorge Gebara, desempenha uma função-meio, estritamente técnica. Entre as prioridades, dentro do Plano de Gestão, está a implantação de um novo sistema de acompanhamento orçamentário e financeiro da Universidade. "É um sistema mais ágil que permite relatórios mais completos e adequados para análise de qualquer situação orçamentária e financeira da UNESP", explica Gebara.

A Assessoria de Relações Externas dividirá seus esforços em duas grandes frentes: a gestão da cooperação internacional e a promoção, organização e realização de eventos de caráter institucional ou de apoio a iniciativas propostas pelas unidades. A assessora chefe, Lígia Vettorato Trevisan, diz que, no primeiro caso, o esforço mais do que se justifica, porque o conjunto de atividades da UNESP nesta área vem crescendo, não só porque o ambiente de internacionalização está se espalhando pelas universidades, mas também pelo fato de a própria UNESP estar se tornando mais conhecida e respeitada.

Lígia também pretende fazer um levantamento de todos os trabalhos de cooperação externa da UNESP. "Além dos trabalhos e convênios que passam por aqui, queremos levantar todos os convênios que docentes isolados ou grupos de pesquisadores têm com outras instituições", explica.

Além de continuar fazendo o trabalho de prestar consultoria e assessoria jurídica e técnico-legislativa à administração superior da Universidade e defender os seus interesses junto ao Tribunal de Contas do Estado, a Assessoria Jurídica tem o projeto de melhorar o atendimento às unidades. "O objetivo é a descentralização do assessoramento jurídico prestado às unidades universitárias", explica o assessor-chefe João Ribeiro Mathias Duarte. "Hoje todas as unidades do interior são atendidas por apenas três procuradores. A idéia é aumentar esse número para melhorar a qualidade do atendimento."

RECONHECIMENTO

A Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI) apresentou vários projetos, a maioria voltada para a ampliação da utilização dos meios de comunicação como forma de fazer com que a UNESP seja mais conhecida e reconhecida pela sociedade. "Entendemos que o nosso grande papel é colaborar ativamente no trabalho de tornar a sociedade uma aliada da Universidade", explica José Roberto Ferreira, responsável pela ACI. Estão previstos projetos com utilização do meio virtual como forma de divulgação da instituição, reorganização editorial do Jornal da UNESP, uma nova publicação voltada para o público acadêmico em geral e a continuidade de atividades que se mostraram corretas, como o Guia de Profissões. Serão realizados também seminários nas unidades para discussão da relação universidade-imprensa.

A Assessoria de Assuntos Políticos, sob a responsabilidade de Antonio Carlos Bernardo, se dedicará, entre outras atividades, a três tarefas básicas. A primeira delas será formar, entre os docentes, um quadro de pessoal especialista em gestão acadêmico-administrativa. "Há necessidade, na Universidade, de formação e qualificação de seus próprios gestores", justifica Bernardo. A segunda tarefa será levar o trabalho didático e científico da UNESP ao conhecimento da Assembléia Legislativa. "Queremos tornar a UNESP conhecida dos deputados", esclarece Bernardo. "Vamos mostrá-la como ela é, uma universidade que produz conhecimento e presta serviços à sociedade.Na linha da prestação de serviços, Bernardo planeja também aproximar a Universidade das prefeituras, no sentido de identificar possibilidades de atuação da UNESP na solução de problemas das cidades.

Entre os objetivos da Assessoria de Projetos Especiais está a implantação de três projetos estratégicos: a criação do Fundo de Aposentadoria e Pensão da UNESP, a instalação do câmpus da cidade de São Paulo e o desenvolvimento patrimonial da Universidade. "Um dos objetivos do primeiro projeto é o estudo das alternativas institucionais para a constituição de uma entidade previdenciária e propor aquela que melhor se adequar à realidade da UNESP", explica o assessor Antonio Márcio Fernandes da Costa.

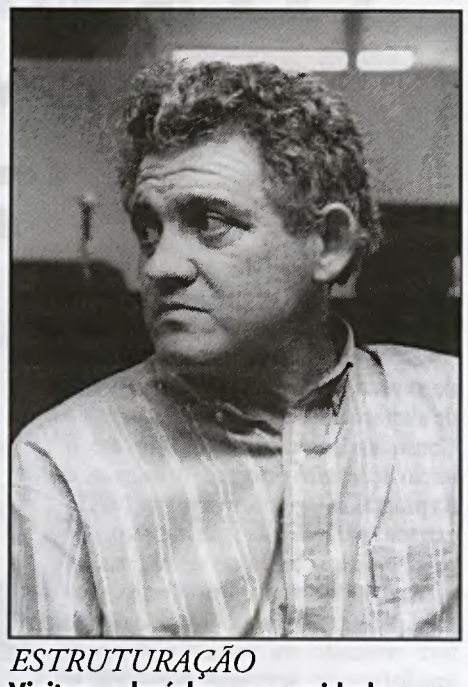
Em relação ao desenvolvimento patrimonial da UNESP o objetivo é identificar terrenos disponíveis e com potencial de aproveitamento para receber empreendimentos imobiliários rentáveis. Dentro disso, estão sendo elaborados três projetos: o já citado câmpus da cidade de São Paulo, o câmpus novo de Franca e a realocação do Câmpus de Rio Claro.

REDE

Conhecimento e trabalho, de mãos dadas.

Rede nacional aproxima universidades e entidades sindicais

BENEFÍCIOS
Newton: contato com o mundo real



Fotos Hélcio Toth

ESTRUTURAÇÃO
Vieitez: subnúcleos nas unidades

Com a assinatura do reitor Antonio Manoel dos Santos Silva e do diretor executivo da Rede Interuniversitária Nacional de Estudos e Pesquisa sobre o Trabalho (Unitrabalho), Newton Lima Neto, foi criado oficialmente, no dia 7 de outubro passado, o Núcleo UNESP/Unitrabalho. A Unitrabalho é uma rede nacional composta por 61 Instituições de Ensino Superior (IES), entre as quais a UNESP, fundada em 18 de março de 1996 e que tem por objetivo estreitar os laços entre o mundo acadêmico e o do trabalho. Cada uma dessas IES tem de organizar um núcleo interno da Rede. A UNESP é a 32ª a fazer isso.

Segundo o pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários, Edmundo José de Lucca, os principais objetivos do Núcleo UNESP/Unitrabalho, dentro da proposta da Rede, são fomentar a produção da Universidade sobre questões relativas ao trabalho e aos problemas que afetam a vida dos trabalhadores e favorecer o trabalho da UNESP com outras IES, organizações sindicais e instituições sociais. "Além disso, vamos colocar a produção acadêmica da UNESP à disposição dos participantes da Rede, de seus parceiros sociais, de outros setores acadêmicos e do público", completa de Lucca.

EXPERIÊNCIA MULTICÂMPUS

A criação oficial do Núcleo UNESP/Unitrabalho vem ratificar o que vem sendo feito na prática há cerca de um ano, quando se começou a discutir sua implantação na Universidade. "Por ser uma instituição multicâmpus, o caso da UNESP é um pouco mais complicado", diz o sociólogo Cândido Geraldes Vieitez, do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências, câmpus de Marília, indicado por De Lucca para coordenar essa fase de criação do Núcleo. "Tivemos muitas reuniões para definir a sua forma de estruturação, seu regimento e plano de trabalho. Uma das primeiras decisões foi que o Núcleo UNESP/Unitrabalho terá subnúcleos em todas as unidades que o quiserem."

Depois de sistematizado esse trabalho, chegou a hora de criar de fato o Núcleo UNESP/Unitrabalho. Isso começou a ser feito um dia depois de sua criação oficial, numa reunião entre o representante da UNESP na Unitrabalho e docentes e pesquisadores de várias unidades. O encontro serviu para votar o regimento do Núcleo UNESP/Unitrabalho e marcar, para o dia 31 de outubro, a eleição dos coordenadores e vice-coordenadores dos subnúcleos. No dia 7 de abril do ano que vem deverá ocorrer a eleição do coordenador geral e de seu vice.

O regimento aprovado define que os coordenadores dos subnúcleos serão eleitos por seus pares (aqueles pesquisadores interessados em se ligar à Unitrabalho) e que o coordenador geral será eleito pelos coordenadores dos subnúcleos. Estes também formam o Conselho Deliberativo, encarregado de estabelecer a política geral do Núcleo UNESP/Unitrabalho. Há ainda o Conselho Consultivo, formado por cinco membros, escolhidos pelo Conselho Deliberativo, encarregado de triar e selecionar, por critérios acadêmicos, os pesquisadores que farão trabalhos para a Rede.

A Unitrabalho surgiu a partir de uma iniciativa da CUT — Central Única dos Trabalhadores —, que procurou o CRUB — Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras — para sugerir acordos de cooperação e trabalhos conjuntos. De acordo com o diretor executivo da Rede, Newton Lima Neto, essa união pode trazer dois grandes benefícios para a Universidade. "Um, em nível externo, que é a possibilidade de institucionalização das relações entre a academia e o mundo sindical e do trabalho", explica. "Outro, em nível interno, que é a perspectiva de que este contato com o mundo real e com os problemas de emprego e desemprego e das condições de vida do trabalhador possa trazer, para a Universidade, maior qualidade para o trabalho de ensino, pesquisa e extensão."

INAUGURAÇÃO

Matéria-prima desse laboratório: o lixo.

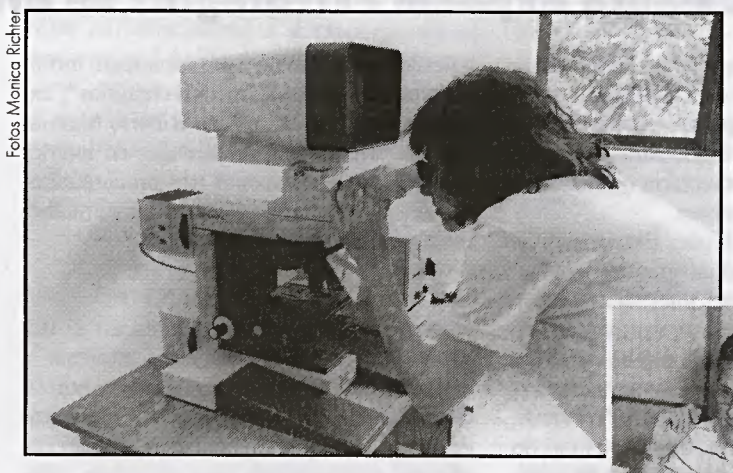
Centro vai estudar reaproveitamento de resíduos sólidos

Estudar e avaliar materiais quanto a sua capacidade energética, composição, utilização em processos industriais, reciclagem e degradação. Com esses objetivos, foi inaugurado, em 26 de setembro último, na Faculdade de Ciências Agronômicas (FCA) da UNESP, câmpus de Botucatu, o Laboratório de Resíduos Sólidos e Compósitos. "É o primeiro laboratório da Universidade dedicado à pesquisa de novas utilizações de resíduos sólidos urbanos, agroindustriais e industriais", informa o químico Alcides Lopes Leão, professor do Departamento de Ciências Ambientais da FCA. "Tudo será realizado seguindo os aspectos de gestão e controle ambiental recomendados pela norma internacional de qualidade ISO 14000."

Lixo, bagaço de cana, cascas e sobras de culturas agrícolas e pó de serra, além de fibras, plásticos e restos de tecidos passarão a ser estudados para dar origem a novos materiais que possam ser imediatamente aplicados à indústria nacional. "Materiais compósitos são aqueles que surgem da associação de dois ou mais componentes e apresentam propriedades melhoradas em relação à matéria-prima original", explica Leão.

O laboratório compreende 250 m² e exigiu um investimento de cerca de R$ 700 mil em equipamentos e instalações, obtidos graças ao suporte da Fundação de Apoio e Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e ao Ministério do Meio Ambiente. "Reunimos alguns dos mais modernos equipamentos do mundo na linha de produção de materiais compósitos", diz Leão. São máquinas de porte e produtividade industrial que já fomecem peças para o setor automotivo. "Contamos agora com um laboratório de referência internacional, com cientistas de diferentes formações trabalhando para desenvolver novas aplicações para resíduos, principalmente o lixo."

Fotos Monica Richter



MODERNIDADE
Equipamentos de última geração

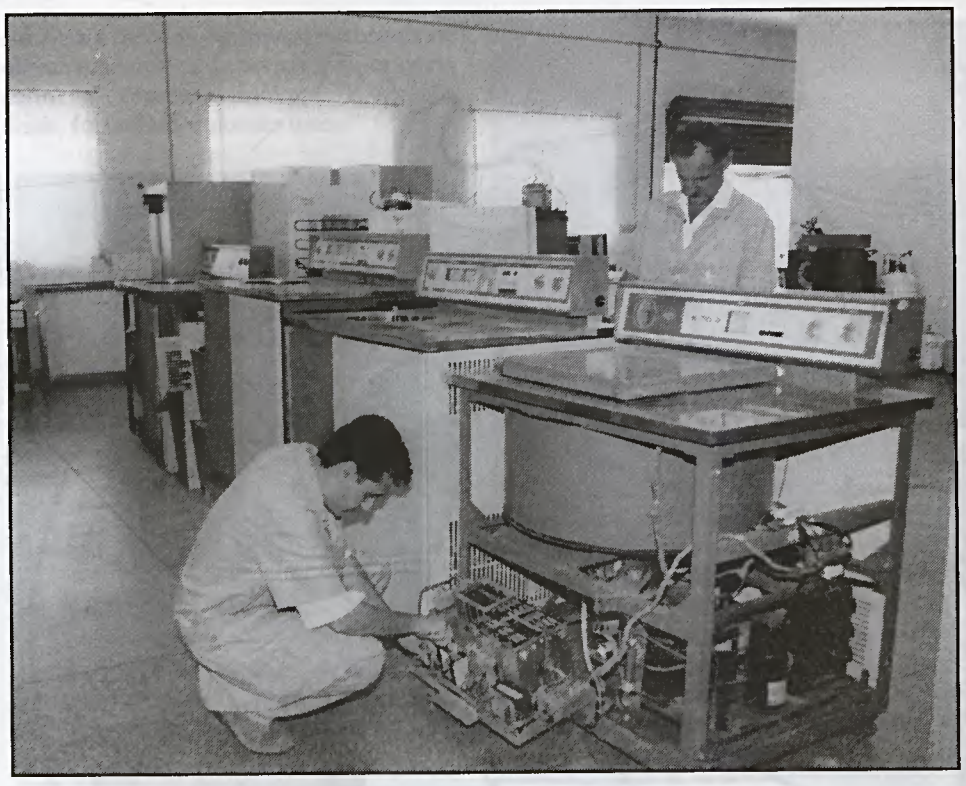
ISO 14000
Leão: gestão e controle ambiental

REFERÊNCIA
Laboratório: 250 m² e R$ 700 mil em investimentos

LIVRO PIONEIRO

Durante a inauguração do Laboratório de Resíduos Sólidos e Compósitos, também foi lançado o livro *Lignocellulosics — Plastic Composites*, primeiro editado no Brasil sobre a associação de materiais vegetais com plásticos. "O fato de ser escrito totalmente em inglês permite uma divulgação em nível mundial dos trabalhos que estamos realizando", diz Leão, co-organizador da obra ao lado da química Elisabete Frollini, do Instituto de Química da USP — São Carlos, e do engenheiro Francisco Carvalho, do Instituto Brasileiro de Produtos Nacionais para Aplicações Industriais (Ipronati).

Eucalipto, sisal, madeira e bagaço de cana são alguns dos materiais estudados no compêndio. São analisados quanto à competitividade para a criação de materiais compósitos, principalmente em termos de preço, qualidade e impacto ambiental, tendo em vista a redução do efeito estufa e do buraco da camada de ozônio. "É um trabalho importante para a área automotiva e eletrônica, além de oferecer subsídios para químicos, engenheiros e pesquisadores da área de ciência dos materiais", avalia Leão, destacando o pioneirismo da publicação, que pode ser adquirida no Departamento de Ciências Ambientais da FCA a R$ 50,00, ou pelo telefone (014) 821-3883.



OFICINA
Técnicos especializados: eletrônica, ótica, reprografia...

Fotos Monica Richter

ASSESSORIA
Manutenção preventiva e apoio aos inventores

Faz-se tudo

Criado há oito anos, centro de manutenção chega à marca de 30 mil serviços prestados à Universidade.

Quebrou o microscópio? A calculadora emperrou? O telefone está enguiçado? Diante de um problema dessa natureza, docentes, alunos e funcionários da UNESP não costumam pensar duas vezes: requisitam os préstimos do Cemeq. Implantado em 1989 como um projeto da Fundação para o Desenvolvimento da UNESP (Fundunesp), o Centro de Manutenção de Equipamentos de Ensino e Pesquisa é o setor responsável por manter em funcionamento toda a aparelhagem existente nas unidades e na Reitoria da Universidade.

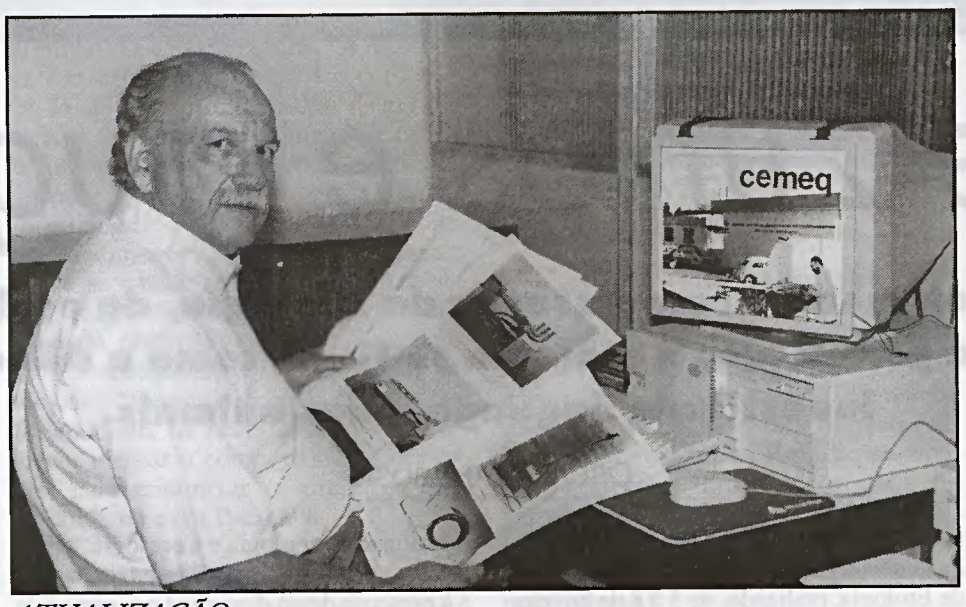
Concebido para planejar, propor e executar a manutenção de equipamentos, o centro, ligado à Pró-Reitoria de Administração (PRAD), chega ao seu oitavo ano de existência com a marca de quase 30 mil serviços já prestados (*veja quadro*) e vê consolidada uma das frentes a que se propôs recentemente, ou seja, a fabricação, em oficinas próprias, de equipamentos similares aos encontrados no mercado e que sirvam às atividades-fim da Universidade.

É o caso de peças para microscópio, bombas de circulação multivias, tensiômetros, canetas para bisturi elétrico e, mais recentemente, de um imobilizador de coluna feito de titânio, material leve e extremamente resistente, utilizado por ortopedistas em cirurgias de coluna vertebral. Trata-se da mesma peça usada na reconstituição de uma vértebra fraturada do ex-piloto Émerson Fittipaldi, feita em Miami (EUA), no último dia 11 de setembro.

DOIS NÚCLEOS

O imobilizador de coluna, totalmente *made in* UNESP, é considerado de alta qualidade e atende a todas as especificações técnicas. Foi desenvolvido na oficina do Cemeq de Botucatu, que atende às necessidades do câmpus daquela cidade e às das unidades de Bauru. Outro núcleo do centro se localiza em Araraquara, atendendo também os câmpus de Jaboticabal, Franca, Rio Claro e São José do Rio Preto. "Outros núcleos planejados, os de Guaratinguetá e o de Araçatuba, ainda não foram instalados, mas os demais câmpus podem ser atendidos pelos núcleos já existentes", explica José Vicente Fortes, presidente da comissão supervisora do Cemeq.

Todos os núcleos são formados por funcionários técnicos especializados. As oficinas atendem principalmente às áreas de eletrônica, engenharia analítica, eletrotécnica, ótica, refrigeração, reprografia e mecânica. "Consertamos desde calculadoras e máquinas fotográficas a geladeiras, centrífugas e bombas hidráulicas", diz o engenheiro eletrônico Élcio Motoaki Kawakane, gerente do núcleo de Araraquara. Há ainda uma oficina na Reitoria, que cuida dos equipamentos dos departamentos da Capital. Recentemente, o Cemeq recebeu uma verba suplementar de R$ 135 mil, correspondente a dois projetos — modernização e reequipamento das oficinas de eletrônica e implantação de oficina mecânica —, aprovados pelo Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT) da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep).



ATUALIZAÇÃO
O supervisor Fortes: cursos e atividades de aperfeiçoamento

Mas o trabalho do centro não se limita a consertos. Quando um equipamento é adquirido, o órgão dá seu parecer técnico, acompanhando seu recebimento, instalação e, em alguns casos, dando treinamento às pessoas que dele se utilizarão. Também tem organizado um serviço de manutenção preventiva e pode aprovar e supervisionar a execução de todos os contratos de manutenção efetuados pela Universidade. Até mesmo os inventores podem contar com a assessoria do Cemeq, que ajuda a construir e testar equipamentos que nascem da criatividade dos pesquisadores da Universidade.

Para que estes serviços sejam bem executados, o Cemeq procura manter seu corpo técnico sempre atualizado. "Possibilitamos a capacitação técnica de nossos funcionários, permitindo a eles participarem de cursos e outras atividades de aperfeiçoamento", explica Fortes. Nos últimos anos tem sido incentivado o oferecimento de estágios supervisionados a estudantes dos colégios técnicos ligados à Universidade e de alunos das faculdades de tecnologia do Centro Paula Souza.

ECONOMIA

O Cemeq só tem se tornado viável economicamente graças à adoção de uma série de procedimentos. A partir do pedido para o conserto de um aparelho, por exemplo, é feita uma pesquisa de mercado para saber se sairia mais barato encaminhá-lo à manutenção, repassá-lo a uma empresa particular ou, em último caso, substituir o equipamento. As despesas são cobertas pelo orçamento da UNESP e não pelo repasse das unidades universitárias. "Só não trabalhamos com equipamentos de informática, pois isto implicaria na contratação de novo pessoal e na instalação de oficinas especializadas, a custos altíssimos", explica Fortes.

A comissão supervisora do Cemeq — formada ainda por Vanderley José de Melo, João Cesar Bedran de Castro, Guilherme Eugênio Felipo Fernandes Filho e José Alexandre Jesus Perinotto — não conseguiu ainda precisar o quanto a Universidade tem conseguido economizar por conta destes serviços. Mudanças na moeda e os diferentes serviços oferecidos dificultam esses cálculos. Sabe-se, no entanto, que os valores não são desprezíveis. "Podemos diminuir em até 90% os custos com o conserto de equipamentos", frisa Kawakane. A hora técnica trabalhada (hora/homem) custa ao Cemeq R$ 23,56, contra R$ 60 a R$ 92 cobrados por outras firmas. "A redução dos custos de manutenção de equipamentos e a possibilidade de confecção de componentes de forma até artesanal tornam este setor importantíssimo para a Universidade", elogia Ricardo Veiga, pró-reitor de Administração.

O diretor da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) do câmpus de Araraquara, Paulo Eduardo de Toledo Salgado, elogia o aspecto econômico do centro, mas acha que o serviço deste setor poderia ser melhorado. "Não temos ainda, por exemplo, uma definição dos equipamentos que podem ser consertados e, muitas vezes, os aparelhos ficam meses parados à espera de uma resposta, que pode ser negativa", justifica. Quem quiser saber mais sobre o Cemeq poderá, em breve, assessá-lo via Internet. O centro será incluído em uma *home-page* criada especialmente pelo Ministério da Ciência e Tecnologia para os 58 centros de manutenção de equipamentos existentes em universidades brasileiras.

Waltair Martão

Relatório de serviços prestados pelo Cemeq

Núcleo	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997*	Total
Botucatu	1.441	1.854	2.396	2.211	1.569	1.872	2.209	1407	14.959
Araraquara	3	1.191	1.586	1.670	1.727	1.936	2.020	1.430	11.563
Reitoria	–	345	634	763	362	282	193	45	2.624
Total	1.444	3.390	4.616	4.644	3.658	4.090	4.422	2.882	29.146

*até julho

Entre zurros e mugidos

Com elementos emprestados da zoologia, da ecologia e até da psicologia, a etologia se firma como a ciência que investiga a linguagem dos animais.

OSCAR D'AMBROSIO

O comportamento e a linguagem dos animais é fascinante. E não são poucas as obras de arte em que cachorros, gatos, cavalos, vacas, porcos, raposas e um vasto bestiário assumem características humanas. Não há, por exemplo, quem não se emocione ao ver, nas telas do cinema, *Bambi* (1943), o filhote de cervo que precisou enfrentar sozinho o mundo após a morte da mãe. Na literatura, em *A Revolução dos bichos* (1945), o escritor George Orwell utiliza os animais de uma fazenda para refletir sobre a crise de desemprego dos trabalhadores britânicos do pós-guerra e sobre as mazelas que cercam o poder em sociedades pretensamente igualitárias. Criticar os seres humanos por meio de animais, porém, não é um recurso novo. Esopo, na Grécia clássica, e La Fontaine, no século XVII, já haviam empregado a mesma técnica, reproduzindo, nos movimentos e ações dos animais, incorrigíveis defeitos humanos.

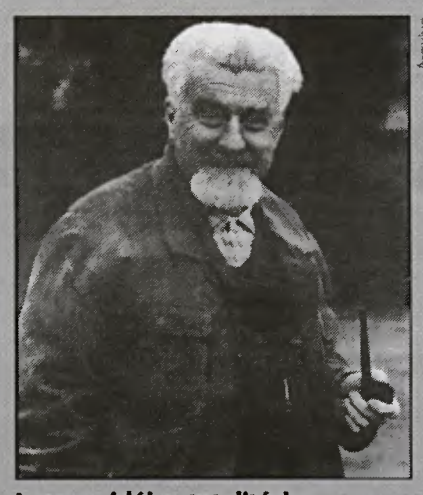
Por volta dos anos 1940, porém, o comportamento animal e suas formas de comunicação deixaram de ser apenas um campo para a incursão ficcional e ganharam contornos científicos. Foi quando surgiu a etologia, ciência inteiramente preocupada com essas questões. Mesmo assim, nem cientistas que dedicaram a vida à decifração desses códigos, como o Nobel de Medicina e Fisiologia (1973) Konrad Lorenz, conseguiram elucidar satisfatoriamente a linguagem dos animais. "A etologia tenta explicar comportamentos a partir da evolução animal e da herança genética", explica o psicólogo César Ades, presidente da Sociedade Brasileira de Etologia (SBEt), entidade que organizou o XV Encontro Anual de Etologia, realizado, de 5 a 8 de novembro, em São Carlos, interior de São Paulo, com a participação de pesquisadores de todo o País e do exterior.

Ciência que estuda o comportamento dos animais, a etologia (do grego *ethos*, costume + *logos*, tratado) está intimamente relacionada à zoologia e à ecologia. "Uma das provas de que é uma área em expansão é a presença dessa disciplina nos cursos de Biologia e de Psicologia de todo o mundo", reforça o biólogo Arif Cais, professor do Departamento de Zoologia do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto.

Passo de ganso

Criador da etologia, ciência que estuda o comportamento dos animais, o zoólogo austríaco Konrad Lorenz (1903-1989) renovou a preocupação pela base biológica do comportamento. Vivia cercado de gansos, porcos, cães e peixes, observando-os e chegando a caminhar como eles para tentar decifrar sua linguagem. Para Arif Cais, do Ibilce, Lorenz era diferente de outros cientistas porque acreditava tanto em seus olhos como na própria intuição. "Ele foi um profeta", avalia. "Aceitava o empírico, mas o mesclava com idéias teóricas e holísticas."

Numa vida dedicada ao estudo dos animais, Lorenz tem uma mácula. Enquanto servia como médico no exército alemão, entre 1942 e 1944, ano em que foi feito prisioneiro pelos soviéticos, declarou: "O material humano socialmente inferior pode se imiscuir em nosso povo saudável e destrui-lo". Três décadas depois, admitiu-se "muito arrependido" pelo que havia dito.


Arquivo

Lorenz: idéias totalitárias

Curiosamente, o holandês Nikolaas Tinbergen, que dividiu com Lorenz a amizade, a criação da etologia nos anos 1940 e o Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia de 1973, foi preso pelos alemães, em seu país natal, justamente por defender cientistas judeus perseguidos pelo nazismo. "Ambos amargaram anos de prisão em lados opostos", constata Cais.

PULSÃO FREUDIANA

Os pioneiros da etologia foram o médico e zoólogo austríaco Konrad Lorenz (*veja perfil nesta página*), autor do clássico *Os fundamentos da etologia* (Editora UNESP; 466 páginas; R$32,00), e o holandês Nikolaas Tinbergen. Eles acreditavam que os instintos de origem genética tinham um papel-chave na definição do comportamento de animais e de seres humanos. "A antropologia não concorda com essa visão, pois tende a considerar os comportamentos como socialmente aprendidos, não inatos", diz Ades.

Mas se a antropologia, por levar pouco em conta os instintos e a determinação sócio-ambiental, parece se afastar da etologia, a psicanálise faz percurso inverso, já que Freud usa muito em seus escritos o termo pulsão, conceito que se aproxima ao da valorização dos instintos defendida por Lorenz. Um exemplo dos paralelos possíveis entre a psicanálise e a etologia pode ser encontrado na relação entre mãe e filho. "É um tema fundamental na teoria freudiana e ponto central da etologia", constata Ades, professor do Instituto de Psicologia da USP e especialista no comportamento de aranhas.

A etologia e o behaviorismo (do inglês *behavior*, comportamento), segundo Cais, que estuda o comportamento de anfíbios, caminhariam hoje para para a formação de uma teoria só. Um passo nesse sentido seria a aceitação, pela comunidade científica, de que tanto há componentes biológicos estudados pela etologia como de aprendizado (behaviorismo), na determinação do comportamento dos animais. "A

etologia é multidisciplinar. Procuramos a observação crítica de diversos animais na natureza", comenta o biólogo. "E, a partir disso, formulamos nossas teses."

CAPIVARAS E CODORNAS

O respeito a esses princípios da etologia caracteriza as pesquisas em andamento da bióloga Sílvia Mitiko Nishida, professora do Instituto de Biociências da UNESP, câmpus de Botucatu, sobre capivaras. "Estudo formas de comunicação vocal-auditiva nesses animais", diz. "Os sons que os machos emitem determinam padrões de *status*, fundamentais quanto à dominância sobre o grupo", informa Sílvia, secretária da SBEt e também pesquisadora do comportamento de codornas.

O zootecnista Mateus Paranhos da Costa, professor do Departamento de Melhoramento Genético Animal da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) da UNESP, câmpus de Jaboticabal, é outro exemplo da diversidade do trabalho de um etólogo. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Etologia e Ecologia Animal (Etco), integrado por docentes de universidades brasileiras e do exterior, ele estuda o comportamento de vários animais. Entre eles, gado bovino, galinhas e pombas.

Uma pesquisa que ilustra bem o trabalho de observação que caracteriza a etologia ocorre na Estação Experimental de Zootecnia de Sertãozinho, onde o professor Paranhos desenvolve, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), um estudo sobre as razões dos elevados índices de mortalidade de bezerros logo após o nascimento, que chegam a 12%. Foram observados, durante dois anos, desde o nascimento até a primeira mamada, bezerros de quatro raças de gado de corte: gir, guzerá, nelore e caracu. "Estudamos os comportamentos dos bezerros em pé, tentando se levantar, procurando as tetas e tentando mamar", conta Paranhos. "Concluímos que um dos principais fatores da mortalidade estaria no fato de o bezerro não mamar nas primeiras seis horas após o parto."

CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

Como cada bezerro morto significa uma diminuição de receita de R$149,00, solucionar o problema é uma prioridade. "As razões no atraso da primeira mamada incluem tetas grandes das vacas e demora dos bezerros para ficar em pé", explica Paranhos, tesoureiro da SBEt. "Temperamento agressivo, boca pequena e reduzida agilidade nos movimentos da mandíbula também dificultam que o bezerro mame logo após o nascimento."

O comportamento dos animais também se altera em função do tempo. Por isso, a Estação Experimental de Zootecnia de Sertãozinho conta com uma pequena estação meteorológica, que mede temperatura, umidade, índice pluviométrico, velocidade e direção do vento. O equipamento é utilizado para avaliar as alterações na freqüência dos nascimentos de gado bovino em função das condições climáticas. "Observamos que, com a entrada de frentes frias e o aumento da umidade, ocorre um maior número de partos", diz Paranhos.

Se bezerros mortos geram prejuízos para o criador, o mesmo ocorre quando as plantações enfrentam um predador, mesmo que este seja um animal aparentemente inofensivo. É o que ocorre em Assis. A cidade, responsável por 30% da soja produzida no Estado de São Paulo, sofre grandes prejuízos justamente pela ação voraz de uma ave que, ironicamente, simboliza a paz: a pomba. "A da espécie Amargosa se alimenta dos cotilédones da soja nos primeiros dias de germinação e causa sérios prejuízos", explica Paranhos. Diversos estudos buscaram entender o comportamento dessa pomba. Foi analisado o tempo que elas utilizam para se alimentar, se deslocar, descansar, limpar-se e bicar suas parceiras. A principal conclusão foi que a Amargosa não manifesta preferência por qualquer uma das 26 variedades de soja utilizadas na pesquisa. "Como se alimenta de todas indistintamente, há necessidade de se conhecer melhor o comportamento dessas aves para minimizar os prejuízos que causam", observa Paranhos.

GALINHAS DE BRIGA

O comportamento de animais em cativeiro também interessa à etologia. Um dos estudos realizados nessa linha diz respeito à forma de reduzir a agressividade das galinhas que são retiradas de seu *habitat* natural. "Quando o animal é preso no galinheiro, tende a ficar agressivo", diz Paranhos. Ao receber a comida que necessita, no momento que deseja e na dose adequada, a ave pouco tem a fazer. "Por isso, começa a travar lutas com suas companheiras." Os criadores costumam resolver o problema das galinhas de briga fazendo a debicagem, ou seja, cortando o bico das aves para evitar ferimentos. "Mas, dessa forma, ataca-se a conseqüência do problema, não a causa", diz Paranhos, que realizou experimentos para que as galinhas liberassem sua agressividade sem ferir outras aves. Uma técnica usada é a colocação de objetos de diversas formas e materiais no galinheiro. "Bicar objetos de borracha, por exemplo, faz com que as galinhas fiquem menos estressadas e, portanto, mais calmas."

O engenheiro agrônomo Valter Udler Cromberg, professor do Departamento de Melhoramento Genético da FCAV, também estuda o comportamento de animais em cativeiro, mais especificamente de pacas. "Como elas têm hábitos noturnos, sua observação direta na natureza é difícil", explica, acentuando que a paca é um animal de carne saborosa e de alto valor protéico. "Propicia ainda uma criação de baixo custo, porque se alimenta de frutas e vegetais."

Um dos conferencistas do XV Encontro Anual de Etologia, Cromberg estudou a forma, a disposição e o material usado nas tocas de pacas confinadas no Setor de Animais Silvestres da FCAV. Concluiu que a palha era um elemento fundamental na vida desses animais, pois é usada para camuflar as entradas das tocas, dentro dos corredores e na forragem dos ninhos. Por isso, ao ser colocada mais palha no cativeiro, os animais logo a utilizam, aumentando sua atividade e interagindo melhor com o ambiente. "Foi uma atitude simples, mas que os deixou mais felizes", avalia o pesquisador.

Medir essa felicidade é um dos desafios da etologia. "É difícil transformar em números ou tabular o sentimento de bem-estar de um animal", diz Paranhos. "O sonho de todo pesquisador da área é justamente conhecer a linguagem dos animais. Entendendo como eles se comunicam seria possível ter uma idéia do que sentem", diz o docente, certo de que seu trabalho contribui para que os animais, seja em liberdade ou em cativeiro, tenham uma vida melhor.

Da vida nas cidades

O ramo da etologia que pesquisa os princípios biológicos do comportamento das pessoas recebe o nome de etologia humana e trata, entre outros temas, da vida nas cidades. Durante o XV Encontro Anual de Etologia, em São Carlos, o tema foi abordado no painel "O homem e a cidade: aspectos do comportamento humano no espaço urbano", que contou com a participação de dois professores da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da UNESP, câmpus de Bauru. "A etologia, seja a humana ou a animal, está de fato despertando o interesse de muitos pesquisadores da nossa Universidade", confirma Arif Cais, do Ibilce.

Docente do Departamento de Psicologia, o psicólogo Sandro Caramaschi refletiu, em sua palestra, sobre o significado psicológico e cultural do espaço urbano, enquanto Lúcia Helena Sant'Agostino, professora de Semiótica do Departamento de Comunicação, abordou a relação do espaço público e do privado no espaço citadino. "As cidades revelam múltiplos espaços de produções sígnicas", diz a docente. "Signos urbanos são processados, criados e recriados pelos habitantes das cidades, gerando diferentes modos de interpretar a realidade que os cerca."

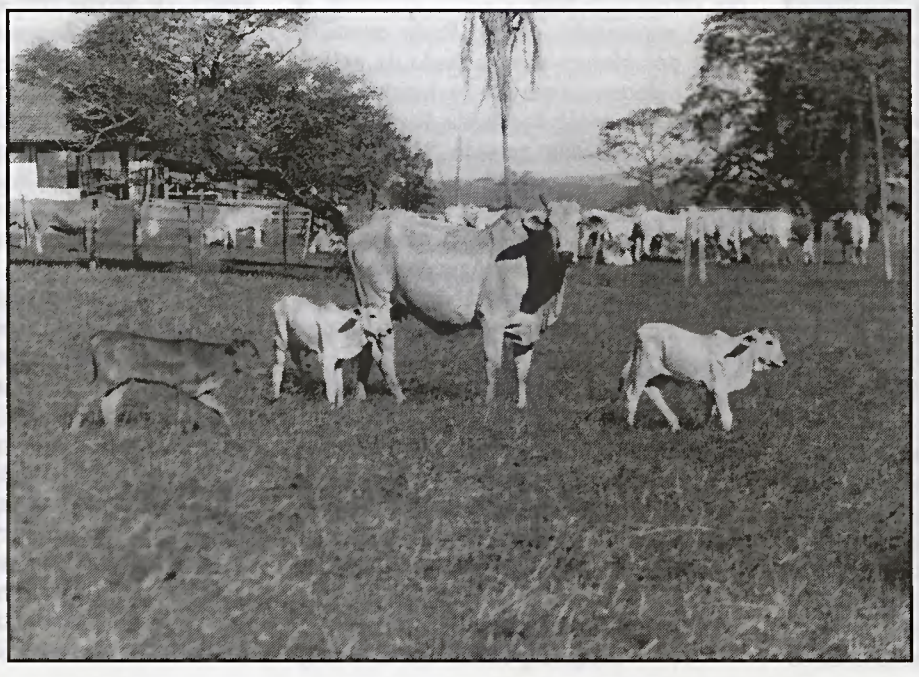
Monica Richter

Lúcia: espaço público e privado

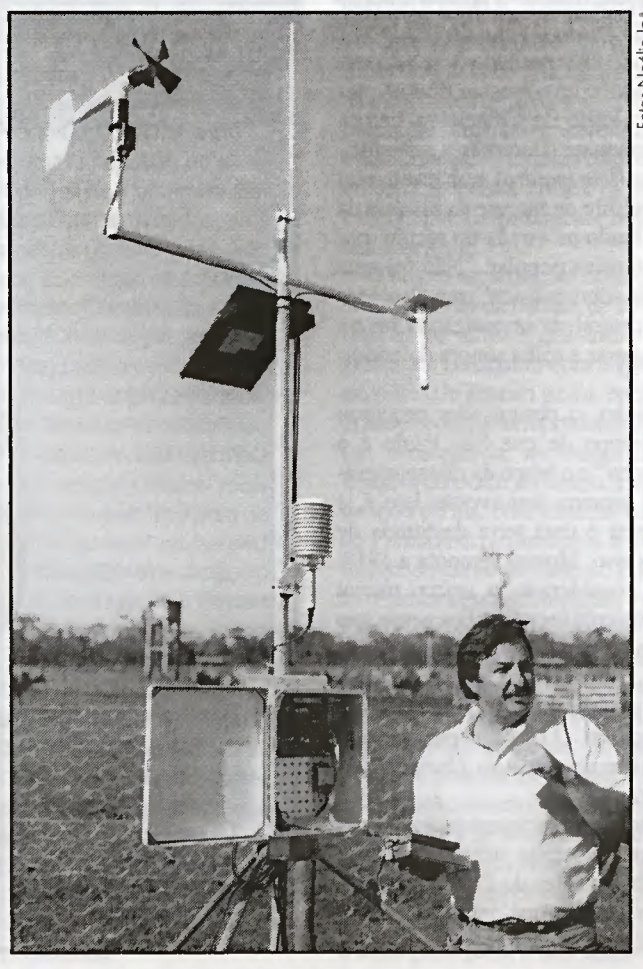
Outra vertente da etologia foi abordada na mesa sobre "Comportamento e filogenia", coordenada pelo biólogo Carlos Camargo Alberts, professor do Departamento de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis. "Acredito que o comportamento possa ser utilizado para estabelecer graus de parentesco entre animais", diz o docente, que detectou 118 comportamentos em felinos, como o gato doméstico e o cerval.

Lilo Clareto

CRESCIMENTO
Cais: área em expansão



MAMADAS
Comportamento dos bezerros: taxa de mortalidade de 12%



Fotos Noélio Ipê

FRENTE FRIA
Paranhos: alterações climáticas aumentam número de partos

Na cadência bonita do samba

Pesquisa resgata memória musical de São Paulo e desmonta preconceitos e estereótipos

EVANILDO DA SILVEIRA

Fotos acervo Museu da Imagem e do Som

RÍTMO
Grupo Regional da Rádio Educadora Paulista, 1926: samba nos pés

REALIDADE
Bairro da Bela Vista, São Paulo, 1920: na segunda fila (*da esq. para dir.*), Paraguaçu e Canhoto

Monica Richter

PESQUISA
Moraes: a trilha sonora do cotidiano paulistano

Paulistanos e cariocas vivem separados por 430 quilômetros, mas unidos por preconceitos mútuos. Quem mora em São Paulo lamenta a sorte de quem vive no Rio, por ter de morar numa cidade desorganizada, onde nada funciona e se é obrigado a conviver com pessoas que não gostam de trabalho, só pensam em praia, carnaval e passar a perna nos outros. Os cariocas, por sua vez, riem e lastimam a má sorte dos paulistanos, que vivem numa estranha e cinzenta cidade ao Sul do país pensando o tempo todo em trabalho. Como se não bastasse, a poluída metrópole ainda leva a pecha de *túmulo do samba*. É uma rivalidade para ninguém botar defeito, e vem de longe, mais precisamente do final do século XIX.

Tudo isso é mostrado pelo historiador José Geraldo Vinci de Moraes, em seu livro *As sonoridades paulistanas: a música popular na cidade de São Paulo — final do século XIX ao início do século XX*, resultado de sua dissertação de mestrado, com o mesmo título, apresentada na Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Araraquara. Foram três anos difíceis de pesquisa (*leia quadro*), que resultaram num trabalho inédito de resgate da história da cidade de São Paulo na virada do século, por intermédio da música popular. "Não foi uma pesquisa apenas sobre música", ressalva Moraes. "O eixo central da investigação foi no sentido de recuperar a trilha sonora do cotidiano paulistano."

Nesse caminho, o pesquisador procurou abater o estereótipo de que São Paulo é o "túmulo do samba" e o berço da classe operária e o Rio de Janeiro, seu avesso, isto é, a origem do samba e uma terra destituída de operários. Para isso, Moraes remonta a 1917, que pode ser considerado o marco inicial desses conceitos equivocados. Foi nesse ano que estouraram as primeiras greves operárias em São Paulo. Os cariocas, enquanto isso, gravavam o primeiro samba, *Pelo telefone*, de Donga, que caçoava: *O chefe de polícia/Pelo telefone/Manda avisar/Que na Carioca/Tem uma roleta/Para se jogar*.

Estes e outros acontecimentos do ano de 1917 marcaram a história urbana das duas capitais mais importantes do País, colaborando para realçar o perfil que definiria as duas cidades daí em diante. Estereótipos que, no dizer de Moraes, foram alimentados ao longo do tempo por historiadores, sociólogos, cronistas, jornalistas, poetas, músicos e até pelo cidadão comum. Aliás, vale lembrar a autoria da expressão *túmulo do samba*, atribuída a Vinícius de Moraes para referir-se a São Paulo. O poeta nada mais fez que verbalizar um estereótipo que todos tinham por verdadeiro.

GREVES E MÚSICA

Segundo Moraes, num mesmo momento grupos sociais marginalizados se expressavam de forma diferenciada. Uns, em São Paulo, por meio das greves, outros, no Rio de Janeiro, ocupando espaço na cidade graças à música. "Esses são elementos da construção da realidade que não se pode ignorar e dispensar", diz. "Por isso, esses dois acontecimentos — que o *capricho da história* fez com que se concretizassem no mesmo ano — marcaram definitivamente o perfil e o caráter de São Paulo e Rio de Janeiro, dando-lhes características que até hoje se reconhecem como sendo próprias e específicas de cada cidade."

Para o historiador, São Paulo pode ser classificada, com razão, como o núcleo inicial da industrialização e da organização da classe operária no Brasil; e o Rio de Janeiro, como o *berço* da música popular brasileira. "Uma observação cuidadosa desses processos revela que eles não compõem a totalidade dessa realidade, como se apregoou durante muito tempo", sustenta. "O Rio de Janeiro é muito mais que *samba, negritude* e *malandragem*, e São Paulo ultrapassa os limites do mundo fabril."

Esses preconceitos são tão fortes e permanentes que chegam a minimizar, quando não ocultar, fatos significativos, que relativizariam essa polarização. Quem poderia imaginar, por exemplo, que a personificação do Rio de Janeiro, o personagem dos quadrinhos Zé Carioca, é paulista? (*leia quadro*). Ou que Osvaldo Gogliano, o Vadico, um dos mais importantes e constantes parceiros de Noel Rosa, sambista que imortalizou o bairro carioca de Vila Isabel, nasceu em terras bandeirantes? São de Vadico, para ficar em três exemplos, as melodias de *Feitiço da Vila*, *Conversa de Botequim* e *Feitio de Oração*, todos sucessos de Noel.

As sonoridades de São Paulo retratadas por Moraes são resultado da própria formação e evolução da cidade. "Até metade da década de noventa do século passado, São Paulo não passava de um vilarejo", revela o pesquisador. "A partir daí houve um crescimento econômico intenso da *Capital do café*, paralelamente à imigração maciça que, desde a Abolição, em 1888, "inchava" uma cidade desprovida dos mínimos equipamentos urbanos modernos — quase 50% da população de então era composta por imigrantes italianos. Foi nesse caldeirão étnico que começaram a surgir os sons característicos da capital paulista.

Na virada do século, a cidade de São Paulo começa a se tornar cosmopolita. Ex-escravos passam a conviver com os colonos italianos, que deixavam as fazendas para sobreviver de pequenos expedientes na cidade. E assim, de acordo com o prefácio ao livro de Moraes, escrito por Elias Thomé Saliba, professor de História da USP, São Paulo se enche de "leiteiros, padeiros, peixeiros, tripeiros, carvoeiros, lenheiros, ambulantes dos mais diversos tipos que, com seus refrões sonoros e matreiros, percorrem as ruas mal alinhadas de uma cidade de geografia ainda incerta e precária, formada por chácaras e antigos quilombos, ranchos e choças, pardieiros e cômodos de aluguel, que contrastavam com as primeiras avenidas, sobrados e estações de trem — enfim, cenas de uma cidade que 'inchava' mais do que crescia, na esteira de uma urbanização mais espontânea do que organizada."

SAGRADO E PROFANO

Para o prefaciador Saliba, é a partir deste quadro difuso que nasce o *samba paulista*, "aquele no qual, como dizia Mário de Andrade, 'a música dominava soberana e, só bem depois, a melodia era preenchida com palavras'". De acordo com ele, através de uma síntese dos mais diversos testemunhos mostra-se, no livro de Moraes, como os círculos de vivência da música popular — o samba paulista, no caso, o *samba rural* — vão progressivamente se desentranhando das festas religiosas, o *profano* dos espaços informais competindo com o *sagrado* — e no caso específico de São Paulo, a festa de Bom Jesus de Pirapora.

Essa festa é um exemplo da mistura entre sagrado e profano das festas de São Paulo, que têm muito a ver, segundo Moraes, com os sons paulistanos. Foi nesta festa que surgiu uma vertente do samba paulista, conhecido como "samba de barracão". Explica-se. Afastados da vila, que era um lugar de romaria, como Aparecida é hoje, existiam dois amplos edifícios que haviam servido como moradia de seminaristas e religiosos. "Era nesses barracões que se alojavam os negros vindos das cidades da província", conta Moraes. "Foi aí que a parte profana dos festejos se originou e se desenvolveu, com os negros batucando, dançando e desafiando-se a noite inteira."

Religiosas ou profanas, as festas, tinham uma função social muito importante, porque eram os únicos momentos em que a população podia divertir-se ou mesmo sair às ruas, fato pouco comum principalmente para as mulheres. "Nos variados festejos estavam lado a lado brancos e negros, escravos e forros, ricos e pobres, sitiantes, tropeiros, forasteiros, todos enfim", explica Moraes. "Isso contribuiu, sem dúvida, para a variedade dos sons paulistanos." Eram festas democráticas por assim dizer, das quais todos podiam participar. Depois dos trabalhos religiosos, os negros se reuniam nos pátios das igrejas para fazer suas batucadas e cantorias. "Algumas festas sagradas foram se transformando em profanas e ganhando novas sonoridades", explica Moraes.

Uma das mais importantes era, sem dúvida, o carnaval, no começo de cada ano. Segundo Moraes, no Brasil a experiência do carnaval é baseada na tradição do *entrudo* europeu, aliado e fundido sobretudo com as diversas manifestações e expressões coreográficas e rítmico-musicais dos negros e indígenas brasileiros. Em São Paulo havia dois carnavais, o grande e o pequeno.

CAMINHO DAS RUAS

O primeiro, "grande", era o carnaval elitizado do luxo e do brilho, também conhecido como carnaval veneziano; o segundo, "pequeno", era baseado nas tradições lúdico-religiosas portuguesas, negras e indígenas. "No grande carnaval, no final do século XIX, várias famílias elegantes de São Paulo levavam a brincadeira para dentro de suas casas ou, mais comumente, alugavam sacadas e janelas de residências mais centrais, onde poderiam se divertir e brincar com maior segurança e assistir com comodidade aos desfiles dos carros alegóricos", conta o historiador. "Nesses dias, aos negros, hoje elementos fundamentais nas brincadeiras carnavalescas, restava apenas carregar os cestos de limões e laranjinhas para seus senhores ou então brincar perto de chafarizes e fontes de água."

Na passagem do século, o carnaval se modifica e retoma o caminho das ruas, com os desfiles no centro da cidade e os corsos da Paulista. Mesmo assim, continua restrito à elite. Em seu livro, Moraes cita dona Sinhá, uma das primeiras sambistas paulistanas. "Ela concordava com o fato de o corso da Paulista ser o mais importante e elegante", narra. "Reconhecia, no entanto, que ali só desfilava quem tinha dinheiro e carro. O povo só assistia."

Em contraponto, dona Sinhá citava o carnaval do Brás como sendo feito por "todo mundo", italianos, negros, caipiras e até índios. "O carnaval popular, ou seja, o pequeno carnaval, se destacou por sua formação baseada fundamentalmente nas festas religiosas, de nítido caráter rural, onde se exercia o sincretismo em diversos níveis, mas principalmente musical e coreográfico, gerando várias danças", explica Moraes. "A música entoada e tocada nesses momentos também estava apoiada justamente nos ritmos indígenas e negros."

Toda essa situação começou a mudar a partir do final da década de 30, com a popularização do rádio e dos meios eletrônicos de gravação. De acordo com o trabalho de Moraes, o Rio de Janeiro passa, então, a se tornar o grande produtor e reprodutor da música popular, construindo, no imaginário coletivo, a imagem do berço do samba. Hoje, os carnavais de todo o País, com exceção talvez da Bahia e de Pernambuco, são feitos à imagem e semelhança do carnaval carioca. Puro marketing.

Apesar dessa subjugação, volta e meia São Paulo dá mostras de que não é o túmulo do samba. Como aconteceu recentemente, quando o samba *Chico Buarque da Mangueira*, composto pelos paulistas Nélson Rosa, Villas-Boas e Nélson Csipai, em parceria com o carioca Carlinhos da Camisa, venceu o concurso de samba-enredo, com o qual a escola Estação Primeira de Mangueira vai homenagear o compositor Chico Buarque no próximo carnaval carioca. Compor o samba-enredo da escola de samba mais tradicional do Rio é uma vitória e tanto para quem é tido como mau sambista.

Zé Paulista

Com toda aquela pinta de quem não é chegado num batente, a paleta e a gravatinha borboleta reforçando o perfil de malandro, guarda-chuva indefectivelmente pendurado no braço, Zé Carioca, quem diria, é paulista. De Jundiaí. Para criar o famoso personagem, Walt Disney baseou-se no sambista jundiaiense José do Patrocínio de Oliveira.

Essa improvável história começou quando Oliveira foi convidado a integrar o grupo Bando da Lua, de Carmem Miranda. Oliveira acabou viajando para os Estados Unidos, no final da década de 30, numa excursão com o conjunto. "Lá, ele participou de diversos filmes com o grupo", conta Moraes. "Foi nesse período que o sambista conheceu Walt Disney, que, inspirado na sua figura, criou o personagem". Zé Carioca foi visto, pela primeira vez, no desenho animado Você já foi à Bahia?" Daí para os quadrinhos — e para o sucesso —, foi um pulo.

Memória por um fio

A dura tarefa de se contar a história da música no Brasil

Premiado pela Coordenação de Folclore e Cultura Popular da Funarte, o livro As sonoridades paulistanas na cidade de São Paulo — final do século XIX ao início do século XX *(Editora Bienal; 196 páginas; R$ 20,00) é resultado de um grande esforço de pesquisa do historiador José Geraldo Vinci de Moraes. "Qualquer trabalho de pesquisa que trate da história da música no Brasil é árduo e enfrenta dificuldades", queixa-se Moraes. "É preciso superar a dispersão das poucas fontes, a desorganização dos arquivos, a falta de estudos especializados e de apoio institucionalizado."*

Moraes reclama ainda que, no caso específico da pesquisa acerca da música popular na cidade de São Paulo, no período de seu interesse, a investigação teve suas dificuldades aumentadas por duas razões evidentes: "O tremendo descaso a que foi relegado o tema durante décadas, tomando discos e raras as fontes escritas, e a quase inexistência de gravações radiofônicas."

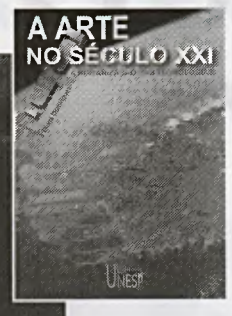
Por isso, o eixo central da pesquisa foi no sentido de recuperar a trilha sonora do cotidiano paulistano, preferencial, mas não exclusivamente, por intermédio dos registros de memória. "Para tanto, me baseei nas fontes dos memorialistas e cronistas da época, que viveram e observaram o cotidiano da cidade nos seus múltiplos aspectos", explica Moraes. "As outras fontes, extremamente enriquecedoras e mais vinculadas ao tema, foram os depoimentos orais das pessoas que viveram ativamente esse processo, com suas experiências de criação e difusão musical."

Nesse sentido, o acervo do Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS-SP) foi de extrema importância. Foi lá que Moraes conseguiu recuperar grande parte de colocações, depoimentos e histórias de inúmeros sambistas, chorões, seresteiros, músicos de bandas, cinema e orquestras, que ajudaram, cada qual à sua maneira, a construir as sonoridades paulistanas.

ARTE & TECNOLOGIA

Em busca do humanismo

Hélcio Toth



Obra supre lacuna na área da cultura multimídia

O que Pablo Picasso faria se tivesse à disposição tecnologias como realidade virtual, holografia e robótica? Questões como essa foram a motivação de artistas de diversas áreas, pesquisadores e críticos de arte nacionais e estrangeiros que realizaram encontros e exposições no Brasil, em 1995, em torno do evento *A Arte no Século XXI: A humanização das tecnologias*. Esse material foi editado e resultou no livro *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias* (Editora Unesp; 376 páginas; R$34,00), lançado, em outubro último, no Instituto Cultural Itaú, em São Paulo. "A quase ausência de livros sobre os elos entre cultura e tecnologia, no Brasil, torna esta publicação essencial", diz Diana Domingues, artista multimídia, doutora em Comunicação e Semiótica da Universidade de Caxias do Sul e organizadora da publicação.

O livro, lançado durante o 1º Simpósio de Arte e Tecnologia de São Paulo, reúne 38 autores. Entre eles, nomes reconhecidos internacionalmente, como Roy Ascott, pioneiro da cibernética, interatividade e telemática nas artes, e brasileiros como Haroldo de Campos, Arlindo Machado e Lúcia Santaella. "Eles propõem reflexões que buscam verificar se a arte associada à tecnologia pode nos tornar mais humanos", diz Diana.

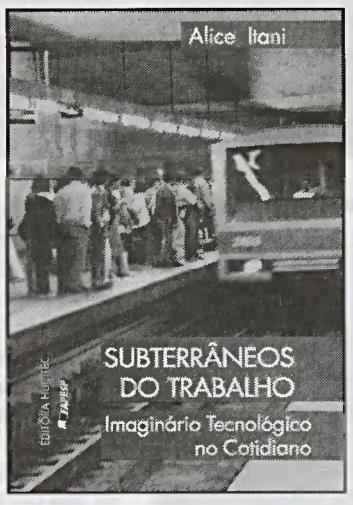
LANÇAMENTOS DE DOCENTES

Dos quadrinhos aos sovietes

ENSINO

Em sobressaltos: formação de professora, de Maria do Rosário M. Magnani; Editora da Unicamp; 336 páginas; R$24,00.

TECNOLOGIA

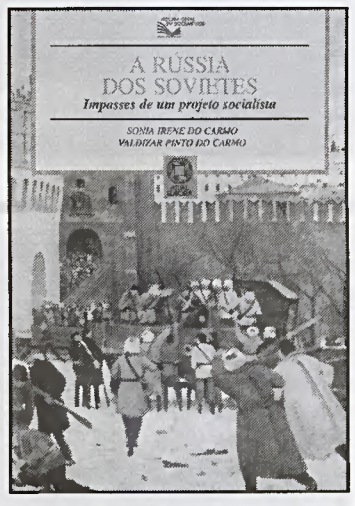


Subterrâneos do trabalho: imaginário tecnológico no cotidiano, de Alice Itani; Editora Hucitec e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo; 252 páginas; R$22,00.

COMUNICAÇÃO

As histórias em quadrinhos no Brasil: teoria e prática. Organização de Flávio Mário de Alcântara Calazans; Intercom e Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da UNESP (Proex); 176 páginas; R$14,00.

SOCIALISMO



A Rússia dos sovietes: impasses de um projeto socialista, de Sonia Irene do Carmo e Valdizar Pinto do Carmo; Editora Atual; Coleção História Geral em Documentos; 88 páginas; R$10,30.

Do primário ao doutorado

Não há novidade em dizer que a educação está em crise. A questão é geralmente pensada em nível global, mas raramente em termos da formação específica de cada educador. Ao abordar língua, literatura e ensino com criatividade e rigor acadêmico, *Em sobressaltos: formação de professora*, originalmente a tese de doutorado da educadora Maria do Rosário M. Magnani, docente do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da UNESP, câmpus de Presidente Prudente, preenche essa lacuna.

A partir de uma fictícia professora M.R.., a autora se vale de diferentes tipos de discurso (acadêmico, narrativo, literário, informativo), registros (diários pessoais, textos escolares, cartas) e sujeitos (professores, poetas, críticos literários) para percorrer os bastidores da educação desde as carteiras do primário até o doutorado. Reflete assim sobre a prática pedagógica nos cursos de Letras. "Todo processo de formação de professores produz uma proposta de ensino", reflete Maria do Rosário.

Metroviários em foco

Durante sete anos, entre 1985 e 1991, a educadora Alice Irani, do Departamento de Educação do Instituto de Biociências da UNESP, câmpus de Rio Claro, estudou o cotidiano das condições de trabalho dos metroviários da capital paulista, observando a convivência entre esses trabalhadores e as novas tecnologias informatizadas. O resultado foi a tese de doutorado *Subterrâneos do trabalho: imaginário tecnológico no cotidiano*. Agora publicada, a pesquisa mostra como os trabalhadores brasileiros convivem com a automação e a informática sem terem antes a oportunidade de lidar com outros sistemas técnicos. Original ao abordar pela primeira vez o cotidiano dos metroviários e por dar voz aos trabalhadores narrando as próprias experiências, a autora mostra como os operadores dos metrôs procuram prestar um serviço de alta qualidade. "Mesmo que seja por meio de uma tecnologia pouco adaptada à realidade brasileira", ressalta Alice.

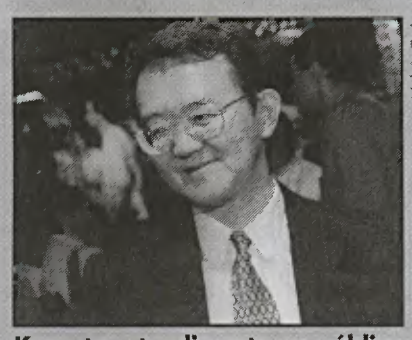
Para entender as HQs

Publicado em 1896, *Yellow Kid* é o marco inaugural das HQs, certo? Errado. Segundo *As histórias em quadrinhos no Brasil: teoria e prática*, organizado pelo educador artístico Flávio Mário de Alcântara Calazans, professor de Técnicas de Representação Múltipla do Instituto de Artes (IA) da UNESP, em São Paulo, o caricaturista Angelo Agostini iniciou a publicação de "Nhoquim ou Impressões de uma Viagem à Corte", na revista carioca *Vida fluminense*, em 30 de janeiro de 1869 — bem antes, portanto, que Richard Felton Outcault criasse o seu *Yellow Kid*. Coordenador do Grupo de Trabalho Humor e Quadrinhos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), Calazans, que participa da coletânea com um ensaio e uma inédita bibliografia comentada sobre o tema, acredita que o livro, além de trazer curiosidades sobre a produção de HQs, sociabiliza o conhecimento na área. "O objetivo é estimular e orientar novos pesquisadores", diz. O volume conta também com estudos de Gazy Andraus e Edgar Silveira Franco, mestrandos em Artes Visuais do IA, e terá sua noite de autógrafos, em 13 de novembro, na Livraria Merlim, na Rua Pamplona, 937, São Paulo, às 18h.

Prática trai teoria

Contar a história a partir da utilização de textos oficiais, artigos de jornal, pinturas, caricaturas e fotos do início do século XX. Essa é a proposta de *A Rússia dos sovietes: impasses de um projeto socialista*, da historiadora e cientista social Sonia Irene Silva do Carmo, professora de História do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara, e do jornalista Valdizar Pinto do Carmo. O livro abrange a Revolução Russa, o processo de centralização política ocorrido na URSS, a derrocada do socialismo, o fracassado golpe de Estado contra o presidente Mikhail Gorbachev, em agosto de 1991, sua posterior renúncia e a dissolução da direção do Partido Comunista, que monopolizava o poder desde 1917. "A Revolução se apresentou como a concretização dos ideais socialistas do século XIX", diz Sonia. "Mas o rumo dos acontecimentos acabou por criar um regime centralizado, burocratizado e opressor."

EVENTO



Hélcio Toth

Kawata: atendimento ao público

Editora inaugura livraria

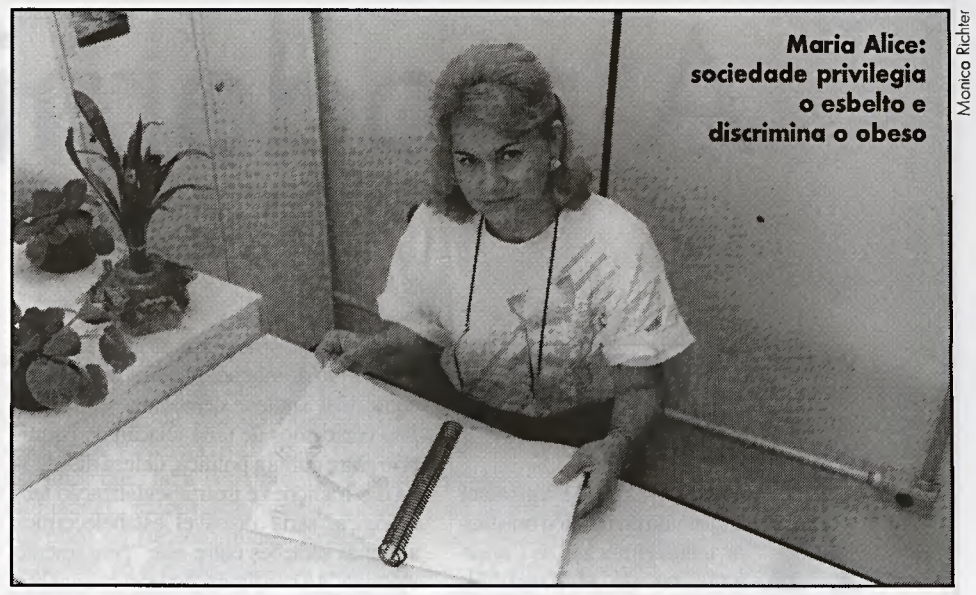
Loja funciona no térreo do prédio da Reitoria e abre com 15 mil volumes

Com mais de 150 títulos lançados em 10 anos de existência, vários prêmios em suas prateleiras e o nome definitivamente incluído entre as principais casas publicadoras do País, a Editora UNESP estava devendo um espaço para a exposição pública de sua produção. A dívida está saldada. Desde o último dia 14 de novembro, a comunidade unespiana e o público têm à sua disposição os 160 m² da Livraria Editora UNESP. Localizada no piso térreo do prédio da Reitoria (Alameda Santos, 647, esquina com Avenida Brigadeiro Luiz Antônio), a livraria inicia suas atividades com cerca de 15 mil livros de várias editoras. "Embora tenha um perfil universitário, a editora deverá atender também o público culto em geral", explica o editor executivo Tulio Kawata. Isto quer dizer que, ao lado de obras francamente acadêmicas, estarão alguns títulos da melhor ficção brasileira e estrangeira.

Para a abertura da livraria, os editores reservaram o lançamento dos primeiros quatro títulos da série em co-edição com a Editora Cambridge: *História Social da Linguagem*, organizado por Peter Burke e Roy Porter; *Natureza da Inteligência*, organizado por Jean Khalfa; *O que é vida*, de Erwin Schrodinger; e *O que é vida — 50 anos depois*, de Michael Murphy e Luke O'Neal. Além das vendas no balcão, a Livraria Editora UNESP aceita encomendas, que se compromete a entregar em no máximo 48 horas. A loja funciona de segunda a sexta, entre 9h e 19h, e, aos sábados, entre 9h e 18h.

Desenhos revelam os desvios da alma

Garatujas de crianças obesas apresentam indicadores de personalidade instável, timidez, insegurança e retraimento.



Maria Alice: sociedade privilegia o esbelto e discrimina o obeso

Monica Richter

De acordo com o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição, 30% dos brasileiros estão acima do peso e 11,5% são obesos. Muitos enquadram-se nessas categorias desde a infância, podendo desenvolver problemas de hipertensão ou doenças cardiovasculares. Por isso, chamar uma criança "cheinha" de "sadia" é um grande engano. Muitas vezes, os "quilinhos a mais" são expressão não de saúde, mas de distúrbios emocionais gerados por insegurança, inibição ou ansiedade. De acordo com a psicóloga Maria Alice de Azevedo, professora do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências (FC) da UNESP, câmpus de Bauru, é possível, a partir dos desenhos de crianças, sejam elas obesas ou não, diagnosticar seus distúrbios emocionais. "A análise dos desenhos pode revelar as dificuldades emocionais de que elas são portadoras."

Os elos entre os desenhos de crianças obesas e suas características psicológicas foram estudados por Maria Alice, que defendeu, em fevereiro último, na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, a tese de doutorado "Um estudo exploratório da personalidade da criança através do desenho da figura humana e dos indicadores emocionais de Koppitz". O trabalho é o resultado de uma pesquisa com 60 crianças, metade delas obesa, de escolas públicas de Piracicaba, com idades entre 7 e 12 anos. A pesquisa levou Maria Alice a Cairns, Austrália, em setembro último, para participar do XIV Congresso Internacional de Medicina Psicossomática, cujo tema era "Distúrbios de alimentação". "Foi uma excelente experiência. Várias pesquisadoras me procuraram para estabelecer intercâmbios."

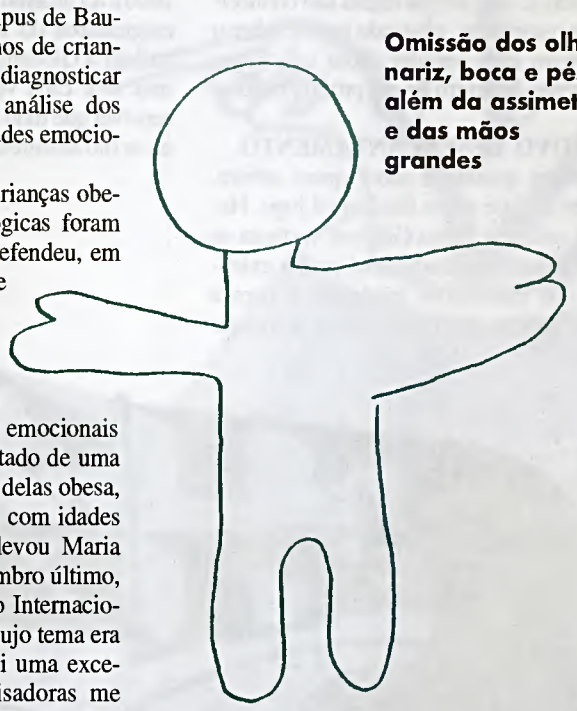
O gordo típico é considerado, popularmente, uma pessoa alegre, jovial e de fácil relacionamento. Assim também é caracterizado na literatura, nas célebres figuras de Sancho Pança, criado por Cervantes, e de Falstaff, de Shakespeare. "Mas não é isso que os estudiosos do assunto nos mostram em seus trabalhos sobre pessoas obesas", diz Maria Alice. Pelo contrário, a bibliografia especializada sobre os aspectos psicológicos da obesidade revela diversos problemas de relacionamento social nos obesos, discriminados desde a infância. "Numa sociedade que valoriza a facilidade de contato, a comunicação, a auto-afirmação e a esbeltez, o obeso sofre preconceito."

INDICADORES EMOCIONAIS

Maria Alice aplicou nas crianças o teste projetivo do Desenho da Figura Humana (DFH) segundo a técnica da psicóloga norte-americana Elizabeth Koppitz, que desenvolveu uma série de estudos na década de 60 no sentido de detectar indicadores emocionais nos desenhos da figura humana de crianças. "Meu estudo confirma o valor do teste como técnica projetiva para a compreensão das características da personalidade e do autoconceito daquele que desenha", informa Maria Alice (*veja quadro*).

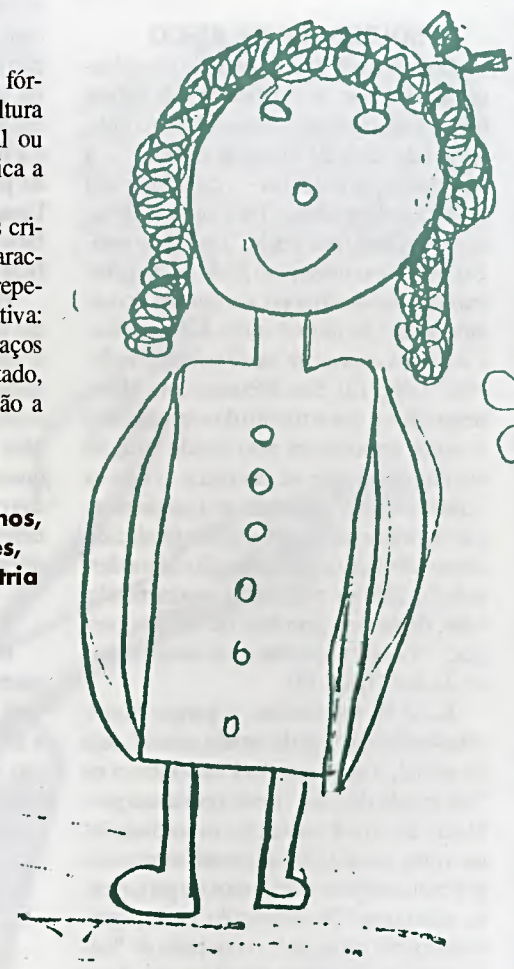
Para selecionar as crianças obesas, a pesquisadora seguiu os critérios para classificação de obesidade estabelecidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que adota o Índice de Massa Corporal (IMC), calculado pela fórmula P/A^2, onde P = peso em kg; e A = altura em m. "Quem atinge um resultado igual ou maior que 25 é considerado obeso", explica a pesquisadora.

Após analisar os desenhos feitos pelas crianças, Maria Alice observou que certas características (os indicadores emocionais) se repetiam de maneira estatisticamente significativa: omissão do nariz, figura inclinada e braços curtos. Cada indicador emocional detectado, segundo a escala de Koppitz, passou então a ser interpretado psicanaliticamente. "A omissão do nariz nos desenhos está associada à timidez e ao retraimento", diz Maria Alice. A figura inclinada indica personalidade instável e insegurança. "Os braços curtos revelam uma tendência ao retraimento."

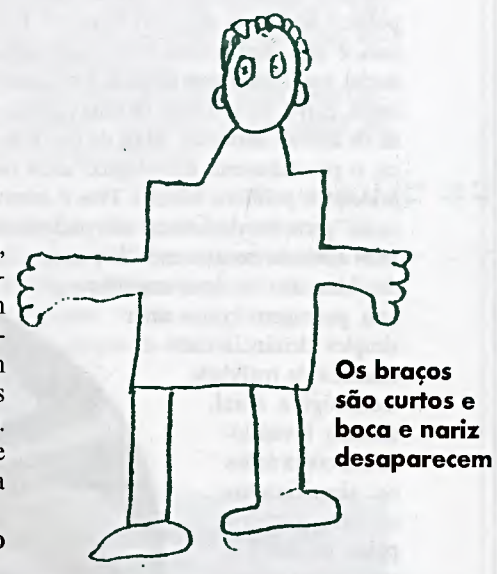


Omissão dos olhos, nariz, boca e pés, além da assimetria e das mãos grandes

Figura grotesca: cabeça pequena, braços curtos e mãos grandes



Braços longos, mãos recortadas, assimetria e desproporcionalidade



Os braços são curtos e boca e nariz desaparecem

ABORDAGEM PSICOSSOMÁTICA

Enquanto a corrente organicista defende a idéia de que a obesidade é a expressão de uma constituição genética herdada, Maria Alice prefere a abordagem psicossomática, que, embora não descarte os componentes hereditários, considera o comer compulsivo um sintoma, ou seja, a expressão de um desajustamento emocional. "A tendência à obesidade pode ou não ser desenvolvida, dependendo do meio em que a pessoa vive", diz a docente.

O comportamento dos pais em relação à criança pode ser decisivo. Mães superprotetoras, por exemplo, tendem a superalimentar seus filhos, fazendo da comida um símbolo de amor e proteção. "O resultado dessa prática costuma ser a obesidade", diz Maria Alice. A superproteção também tende a anular a autonomia dos filhos, tornando-os inseguros. "Ao incentivar a independência, a mãe fará com que as crianças se sintam capazes de enfrentar seus medos e angústias sem subterfúgios", avalia.

Nos casos de obesidade evolutiva, aquela que tem início na infância e prossegue na idade adulta, Maria Alice recomenda tratamento psicológico. Muitas vezes, não apenas a criança, mas também os pais devem participar da terapia. "Casos não devidamente tratados podem evoluir para a esquizofrenia", alerta a pesquisadora, que acredita que psicólogos devem integrar equipes multidisciplinares voltadas para a prevenção e o tratamento da obesidade. "O excesso de peso é um fator importante de risco para a saúde", conclui. "E deve merecer a atenção de pais e especialistas."

Oscar D'Ambrosio

Imagens do inconsciente

Em sua tese de doutorado, a psicóloga Maria Alice utilizou a Escala de Indicadores Emocionais para a análise de desenhos, elaborada pela norte-americana Elizabeth Koppitz. Porém, o teste do Desenho da Figura Humana (DFH) não é novo. Foi criado, em 1925, por Florence Goodenough, para medir o nível mental infantil. Em 1949, a psicóloga Karen Machover, também americana, a partir do DFH, criou o Teste Projetivo da Figura Humana. "Ela acreditava que, ao desenhar uma pessoa, o indivíduo se projetava no desenho", diz Maria Alice.

Koppitz, em 1967, baseada em Goodenough e Machover, elaborou a sua escala de índices gráficos. Estes permitem a detecção e avaliação de distúrbios emocionais em crianças a partir de seus desenhos. Esses sinais gráficos (indicadores emocionais), em número de 30, são formas inconscientes de as crianças expressarem as suas emoções. "A abordagem de Koppitz apóia a abordagem psicossomática da obesidade", explica Maria Alice. "Meu doutorado também, pois os indicadores emocionais que se destacaram nos desenhos das crianças obesas aparecem mais significativamente nas que têm problemas psicossomáticos", diz a pesquisadora.

(O.D.)

A modernidade, em três visões independentes.

Em Modernização reflexiva, três autores europeus contemporâneos dialogam sobre as transformações e conseqüências da modernidade.

VINÍCIO CARRILHO MARTINEZ
TULLO VIGEVANI

Anthony Giddens é um autor conhecido do público brasileiro, tendo publicado *As Conseqüências da Modernidade* (1991), *A Transformação da Intimidade* (1993) e *Para Além da Esquerda e da Direita* (1996), os três pela Editora UNESP. Agora chega ao conhecimento do público *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*, que Giddens escreveu com Ulrich Beck, da Universidade de Munique, e Scott Lash, da Universidade de Lancaster.

Nele, Giddens mantém-se fiel ao quadro analítico de suas obras anteriores. No livro *As Conseqüências da Modernidade* apresentava os conceitos de "sistemas peritos" e "ultramodernidade", onde postula a tese da confiança que mantemos em determinadas ocasiões e em que renovamos nosso crédito — a exemplo da "peritagem" não questionada de médicos, engenheiros etc. Depois, em *Para Além da Esquerda e da Direita*, Giddens questionava de certa forma essa segurança. Trata do fenômeno globalizador atual (economia, política, cultura e tecnologia), identifica no momento presente o que denomina de "alta reflexividade" — ou descrédito quanto aos sistemas sociais tradicionais do socialismo de modelo cibernético e capitalismo neoliberal — e "cidadania reflexiva" que, em suma, é nossa capacidade de indignação e mobilização frente aos desmandos das políticas públicas e centralismo do Estado-nação.

Esta postura, porém, será definitivamente orientada nos termos das sociedades altamente industrializadas, em que se aprimoram tanto a perícia e o conhecimento técnico quanto a capacidade de inserção política no "novo discurso técnico". Por isso, é sem dúvida uma nova disposição social, mas igualmente utópica. Em alguns casos, correr-se-ia o risco de uma fatalidade de âmbito universal. Mais do que nunca, o procedimento tecnológico afeta os princípios políticos básicos. Pois é como se as "gerações do futuro" não pudessem mais aprender com os erros do passado. Mas não se deve entender esta passagem como uma simples denúncia catastrófica da realidade tecnológica atual, mesmo levando-se em conta todos os significados sociais gerados pelos produtos e pelo dejeto tecnológico. Por fim, vemos em Giddens que isto a que chama de cidadania de alta reflexividade é uma espécie de solidariedade ampliada pelo discurso tecnológico e transformação do sentido natural da vida pela atividade política, uma vez que o próprio ritmo do desenvolvimento tecnológico impõe novas percepções e interações políticas.

O individualismo, portanto, resulta do projeto social e político que as "sociedades informáticas" vêm adotando. O projeto do liberalismo prevê ao indivíduo um tratamento de mônada, isolado dos demais como real antítese democrática. E se de fato carecemos de uma relação de equilíbrio entre cultura política, defesa discursiva das tradições e instrumentalização tecnológica, seria razoável estabelecermos algumas relações entre este "pensamento clássico" e a configuração teórica e analítica que necessitamos para abordar de forma ampla a realidade social que se avizinha.

SOCIEDADE DE RISCO

O dado mais interessante do novo lançamento é que se estabelece um debate triplo, com réplicas entre os autores. Pois, apesar do tema de interesse comum — a modernização reflexiva —, cada autor tem postura independente. Para situar o debate, começando por Beck: *"Este novo estágio, em que o progresso pode se transformar em autodestruição, em que um tipo de modernização destrói outro e o modifica, é o que eu chamo de modernização reflexiva"* (pág. 12). Sua diferença com Marx, neste caso, é que o triunfo do capitalismo é o maior responsável pelo estado atual de autofagia em que se encontra, e não as "crises cíclicas". Aliando-se à modernização normal e adicional, e tendo produzido como substrato a radicalização da modernidade, abre-se para outra modernidade. Mas, desta vez, sem luta de classes, porque: *"A nova sociedade nem sempre nasce da dor"* (pág. 13).

E, se há nascimento, é porque houve obsolescência, seja do estado natural, seja do social, o que para Beck desemboca na "sociedade de risco" e nos revela um problema de difícil resolução: as instituições da velha sociedade industrial subsistirão por bom tempo aos desígnios do parturiente, mas como? Neste sentido, então, apresenta como cambiante o conceito de "autoconfrontação". O que também não alivia a tarefa de descobrir os novos agentes e seus câmbios, porque: *"A definição do perigo é sempre uma construção cognitiva e social"* (p. 17). Indefinição que, por sua vez, faz aflorar outra forma de "individualização". No mesmo sentido da perda da individualidade, mas enfocando o plano oposto, também Baudrillard sentenciou que "lá onde havia o outro, adveio o mesmo".

Beck emprega a imagem metafórica das bonecas russas que perderam o encaixe da atualidade, mas olha para a frente: os filhos não se submetem à hierarquia, a nova divisão sexual do trabalho rivaliza com o pátrio poder e este, enfraquecido, não mais regula a energia nuclear da família, resultando na fissão das classes sociais. Se é possível um compêndio final, este é a própria globalização ou um novo tipo de jogo das bonecas desterritorializadas. Uma imagem forte, mas que sem dúvida faria o Chaplin dos "Tempos Modernos" ficar surpreso.

Pode-se dizer que é sob/sobre este jogo das bonecas despatriadas, e aparentemente não muito lúdico, que o político, o econômico e o cultural encontram-se com o ecológico, o espiritual e o tecnológico. Mas o inferno astral dos jogadores é que, quando se está sob, as regras são conhecidas e respeitadas, e quando se está sobre o tabuleiro cada jogador retira uma regra diferente de dentro de sua própria boneca.

NOVO DESENCANTAMENTO

Outra questão é saber quem arbitra, quem inicia e quem finaliza tal jogo. Haverá vencedor? Para Giddens, instaura-se a sociedade pós-tradicional com a extensão das instituições modernas e com a radicalização dos processos de mudança. Aqui, porém, o jogo é operado sob/sobre o individual e o global. Desde Marx, o capitalismo vem operando por fagocitose, mas hoje, comprar um tênis da marca Nike, por exemplo, significa estimular o trabalho escravo infantil dos chamados "Tigres Asiáticos". Da mesma forma, uma queimada na Ásia ou na Amazônia, provocada por um fazendeiro inescrupuloso, fornece gás para que o El Niño estufe ainda mais seu poder devastador.

E é este novo desencantamento do mundo, dado por Giddens, que deveria abrandar até mesmo as certezas mais recônditas ou, para usar sua imagem, a famosa "jaula de ferro" de Weber. Pois, tal como a peritagem burocrática, também a previsibilidade do agir científico sofre do mal-estar da alta modernidade: "É um mundo em que a oportunidade e o perigo estão equilibrados em igual medida (...) Quanto mais tentamos colonizar o futuro, maior a probabilidade de ele nos causar surpresas" (pp. 74-5). Em uma sentença, é a era da incalculabilidade ou a pá de cal do Iluminismo.

Seria razoável, contudo, atribuir a uma data apriorística, a virada do século no ano 2000 e do milênio no ano 2001, fatores tão enigmáticos do Fin de Siècle? É difícil atribuir a Giddens tamanho prometeísmo, mas se é cada vez mais certo, visível e sensível que tudo que é sólido desmancha no ar (no Manifesto de Marx), já não é tão seguro que os homens "só se colocam problemas que podem resolver". Isto é, quem iluminadamente tem dados comprobatórios de que o modelo cibernético pode ser aplicado ao sistema pós-industrial, garantindo sua auto-regulação?

Mas se tudo se altera e o código é o da incerteza, convém indagar a quem interessa não ter certeza alguma sobre nada. Afinal, ninguém ainda postulou o lugar de coveiro (a expressão é textual) e a qualidade das pás de cal é bem diversificada: por um lado, "as tradições podem ser defendidas em seus próprios termos", por outro, "uma defesa discursiva da tradição necessariamente não compromete a verdade formular, para a qual a maior conseqüência é ter de se preparar para entrar no diálogo, suspendendo ao mesmo tempo a ameaça da violência. Do contrário, a tradição se transforma em fundamentalismo" (p. 123). Portanto, para Giddens, ou há fundamentalismo ou há debate entre culturas e tradições.

E aqui chegamos ao ponto final. Pois, se nas "sociedades tradicionais" há o pluralismo de culturas — sedentarizadas em seus próprios espaços —, na sociedade pós-tradicional (globalizadora) há apenas quatro maneiras de resolver o choque e a interface indivíduos/coletividades: enraizamento da tradição (maniqueísmo?); alheamento hostil do outro (mesmice?); discursividade ou diálogo (tolerância?); coerção ou violência (realismo político?). Escolhas que, nem deterministas e nem iluminadas, identificam uma realidade que pode ser (re)construída: "Rompendo as aporias do pós-modernismo, podemos enxergar possibilidades de 'democracia dialógica' (...) mas nas quais a defesa da tradição também tem um papel importante" (p. 131).

DEBATE FINAL

Passemos, então, para o debate final de Scott Lash, que fecha o livro. Ele minimiza nos dois autores pelo menos três aspectos: 1º) as instituições são cada vez mais culturais; 2º) "as próprias instituições culturais estão no centro do palco (...) uma parte substancial dos artefatos culturais, que são difundidos por essas instituições, é pós-moderna (e) tanto as instituições quanto os artefatos estão em sintonia com a sensibilidade da população leiga" (p. 247); 3º) e o mais importante, as interações, intercâmbios e interfaces crescem à margem das instituições.

O efeito sensível disso, e o que o diferencia de Beck e Giddens, é que o engajamento com estilos de vida próximos corre em paralelo e até suplanta a conexão indivíduo/coletividade das instituições, havendo inclusive uma certa aproximação com o natural. Não apenas a natureza é socializada como a sociedade é naturalizada. Não se trata de um retorno ao paraíso ou ao passado, mas Lash sente esta verdade *"quando o horizonte semântico da política contemporânea é estruturado em torno de metáforas como 'corpo', 'vírus', 'risco', 'natureza', 'cuidado', 'desejo'"* (p. 248). Ao contrário de Giddens e Beck, há em Lash uma preocupação insistente com a natureza, com a vida, com o humano.

E quando opõe duas modernidades — por um lado, a predisposição científica de Galileu, Hobbes, Descartes, Locke, Marx e Le Corbusier e, por outro, o apelo estético do jovem Hegel, Baudelaire, Nietzsche, Adorno, Foucault etc. —, deixa claro que há uma atenção especial (*"a teoria cultural realmente é dominante"*) voltada às instituições de arte como crítica especializada, DJs etc. Mas: *"Isto não significa, entretanto, que na década de 1990 a teoria social deva prestar pouca atenção à economia e à desigualdade social"* (p. 254).

Por fim, para Beck, Giddens e Lash, a modernização reflexiva nas sociedades pós-tradicionais acentua o caráter cultural das transformações e as resistências a partir das tradições. Para Lash, no entanto, diferentemente dos dois primeiros, a estetização da cultura não deve impedir a análise das questões sociais e econômicas.

Trata-se de um debate atual, bem fundamentado, complexo e merecedor de reflexão aprofundada.

Vinício Carrilho Martinez é mestre em Educação pela UNESP, câmpus de Marília.
Tullo Vigevani é professor do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da UNESP, câmpus de Marília.

Osvaldo

Modernização reflexiva, de Anthony Giddens, Ulrich Beck e Scott Lash. Editora UNESP; tradução de Magda Lopes; 264 páginas; R$ 28,00, com 25% de desconto para a comunidade unespiana.

CURSO

Tendências de gestão educacional

Pró-Reitorias de Graduação e Administração criam projeto para servidores

Com o objetivo geral de contribuir para a melhoria da formação específica dos servidores das seções técnico-acadêmicas das unidades e da Assistência Técnica das Pró-Reitorias envolvidas com as atividades-fim da Universidade, as pró-reitorias de Graduação e de Administração criaram o projeto *Formação continuada dos servidores técnico-administrativos*, dentro do qual haverá três cursos.

O primeiro, chamado *O ensino superior: planejamento, gestão e avaliação*, começou no último dia 3 de outubro e se estenderá por mais seis sextas-feiras (dias 10, 17, 24 e 31 de outubro e 7 e 14 de novembro). Haverá mais dois cursos em 1998, *A educação brasileira: organização e funcionamento do Ensino Superior*, no primeiro semestre, e *A assistência técnico-acadêmica na universidade: cotidiano, dificuldades e perspectivas*, no segundo.

Entre os objetivos específicos dos cursos estão analisar o contexto em que se desenvolvem as políticas educacionais, em especial as referentes ao ensino superior; identificar as principais tendências da década atual em matéria de gestão educacional, e analisar o padrão atual da gestão educacional, em especial no ensino superior, como concretização das diretrizes políticas vigentes.

CAPACITAÇÃO
Maria Bicudo (*centro*): melhora no desempenho

Hélcio Toth

ATMOSFERA DE COOPERAÇÃO

Segundo a pró-reitora de Graduação, Maria Aparecida Viggiani Bicudo, está também entre os objetivos do projeto criar uma atmosfera de cooperação entre todos os que trabalham juntos e capacitá-los para desempenhar melhor o trabalho que realizam. "Os servidores técnico-administrativos realizam um trabalho essencial para a atividade acadêmica", explica Maria Aparecida. "São eles que informam os pesquisadores, o corpo docente e os órgãos colegiados sobre a legislação pertinente às suas atividades. Há, por exemplo, relatores nos órgãos colegiados que se baseiam muitas vezes nos pareceres do pessoal técnico."

A primeira palestra do primeiro curso tratou do tema *Questões contextuais*, dividido em quatro itens: *Pensamento administrativo no Brasil e na América Latina*, *Influências e tendências nos anos 90*, *Globalização e territorialização* e *Descentralização: processos e estratégias*. Ela ocupou dois dias da duração do curso, 3 e 10 de outubro. Nos dias 17 e 24, o assunto abordado foi *Questões atuais*, subdividido em *Autonomia, participação e democratização*, *Avaliação institucional e gestão da educação*, *Qualidade total e gestão da educação* e *Gestão na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*.

PRÊMIOS

Agronomia homenageada

Numa demonstração de reconhecimento pelo trabalho do engenheiro agrônomo e diretor da Faculdade de Ciências Agronômicas, câmpus de Botucatu, Elias José Simon, a Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP) homenageou-o com a medalha "Fernando Costa" (primeiro secretário da Agricultura) do ano de 1997. A honraria foi concedida no dia 17 de setembro e será entregue em novembro. A diretora do Instituto de Biociências, do mesmo câmpus, Sheila Zambello de Pinho, também foi homenageada. Sheila foi agraciada com o título "Engenheiro Agrônomo do Ano de 1997 da Região de Botucatu".

Na mesma ocasião, a AEASP escolheu ainda o secretário da Agricultura e do Abastecimento do Estado de São Paulo, Francisco Graziano Neto, ex-professor da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias do câmpus de Jaboticabal, como "Engenheiro Agrônomo do Ano de 1997". "É o reconhecimento do nosso trabalho, não só como engenheiro agrônomo, mas também como diretor da FCA", avalia Simon. "Nós realizamos um trabalho social muito importante. Todo ano, alunos nossos fazem estágio, dando assistência a um assentamento de ex-sem-terra, no município de Itapeva." Sheila, por sua vez, diz que o prêmio tem muito valor. "É importante, porque é dado pela classe."

Monica Richter

RECONHECIMENTO
Simon: medalha "Fernando Costa"

HOMENAGEM

Tributo a um educador

Em reconhecimento ao seu trabalho como educador, o ex-reitor da UNESP (1985-89), Jorge Nagle, foi eleito, no dia 14 de outubro passado, para a Academia Paulista de Educação. Ele ocupará a cadeira número 2, cujo patrono é Antônio Sampaio Dória. Modesto e pouco dado a falar de seu próprio trabalho, Nagle, professor aposentado da Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Araraquara, limitou-se a dizer que se sentia honrado pela eleição para a APE, composta por 40 destacados educadores. "Achei muito interessante essa eleição", diz. "A Academia é composta só por educadores, e é uma honra ter meu trabalho reconhecido." Para o vice-presidente da entidade, João Gualberto de Carvalho Meneses, nada mais justo do que a eleição de Jorge Nagle. "Ele dedicou a vida à educação", reconhece. "Além de ter sido reitor da UNESP, foi secretário estadual de Ciência e Tecnologia, membro do Conselho Federal de Educação, presidiu por dois mandatos o Conselho Estadual de Educação e tem várias obras publicadas sobre o tema."

Monica Richter

ELEIÇÃO
Jorge Nagle: posse na APE

TEATRO

Pequenas verdades, nas ruas.

Por dois domingos consecutivos, dias 7 e14 de setembro, o Grupo Atrás do Grito de Teatro, da UNESP, apresentou o *Auto da Pequena Verdade*, uma encenação em espaço aberto, associando convenções tradicionais do teatro popular a recursos técnicos sofisticados para narrar uma fábula sobre a relação entre privilegiados e excluídos. As apresentações aconteceram em frente ao Instituto de Artes da UNESP, no bairro do Ipiranga, em São Paulo. Antes das apresentações, o grupo desenvolveu um *workshop*. O grupo voltou a se apresentar em dois finais de semana em outubro, e estará novamente nas ruas durante o mês de novembro.

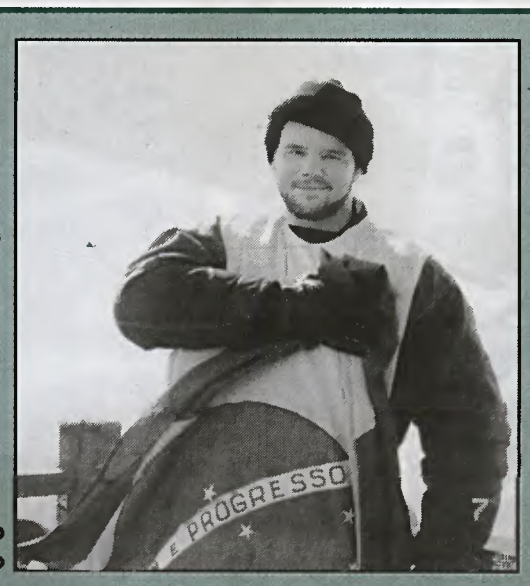
As encenações fazem parte de uma pesquisa de pós-graduação do mestrando Nilton de Souza, sobre a obra do diretor e cenógrafo argentino Victor Garcia que, na década de 60, trabalhou no Brasil. "Ele foi um dos primeiros diretores a encenar fora do palco tradicional", explica Souza. Algumas de suas peças, como "O Balcão", tinham cenários verticais, em andares. O "Atrás do Grito" é um dos grupos artístico-culturais institucionalizados, vinculados ao Programa de Atividades Culturais da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários.

Monica Richter

ENCENAÇÃO
***Auto da Pequena Verdade*, no Ipiranga**

ALUNO

Judô de ouro



Arquivo

Brancalião: campeão em Santiago

O judoca Sandro Roberto Brancalião, 23 anos, quintanista de Agronomia na Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, câmpus de Jaboticabal, representou bem a UNESP no 1º Torneio Interuniversitário Brasil-Chile, disputado no dia 5 de julho último, em Santiago. Brancalião sagrou-se campeão na categoria meio-pesado, derrotando atletas de Cuba, Uruguai, Argentina e Chile. De lá para cá, o aluno tem se dado bem também em outros torneios. Foi 2º colocado nos Jogos Regionais, em 18 de julho, em Batatais, que classificou os três primeiros colocados para os Jogos Abertos do Interior. Ele foi ainda campeão por equipe do Campeonato Beneméritos do Judô do Brasil, também disputado em Batatais, em 30 de agosto.

AGENDA

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS

PELAS UNIDADES NO MÊS DE NOVEMBRO

ARARAQUARA

• 3 a 5/11. XI **Jornada Acadêmica "Prof. Dr. Carlos Alberto de Souza Costa"**. Na Faculdade de Odontologia (FO). Informações: (016) 232-3287.

• 3 a 7/11. XIII Semana de Estudos de **Ciência dos Alimentos**. Na Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCL). Informações: (016) 232-0200.

• 20 e 21/11. **Show Prata da Casa**. No Anfiteatro da FO. Informações: (016) 232-3287.

• 22/11. IV Mesa Redonda de Ex-Alunos "Atuação do profissional farmacêutico nas suas diferentes modalidades: **Análises Clínicas e Toxicológicas, Fármacos e Medicamentos e Alimentos**". Debate sobre dificuldades encontradas quando recém-formado, evolução profissional e situação atual e perspectivas para o profissional nas diferentes modalidades da área. No Anfiteatro "Prof. Dr. Joaquim de Arruda Camargo", sala 7, Centro, na FCF, das 8h às 12h e das 14h as 18h. Inscrições na Secretaria do Departamento de Ciências Biológicas. Informações: (016) 232-0200, ramal 290.

BAURU

• 28/11. Término das inscrições para o curso de pós-graduação em **Educação para a Ciência**. Seleção para mestrado. Informações na Seção de Pós-graduação da Faculdade de Ciências (FC). Informações: (014) 230-2111, ramal 214.

BOTUCATU

• 3/11. Inauguração do Laboratório de **Microscopia Eletrônica** da Faculdade de Medicina (FM) de Botucatu. Informações: (014) 821-2121 — ramais 2146/2042/2238.

• 6/11. Última dia para as inscrições na Jornada de Integração dos Alunos de Graduação e Pós-Graduação em **Reprodução Animal** (Jóia-97), que será realizada de 3 a 6 de novembro. Enfoca "Endocrinologia da gestação de ovelhas", "Agentes infecciosos veiculados pelo sêmen" e "Plasma seminal eqüino: perfil eletroforético", entre outros temas. Público-alvo: alunos de graduação e pós-graduação, residentes em medicina veterinária e professores universitários (ciências biológicas ou agrárias). Na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ). Informações: (014) 821-2121, ramal 2250.

• 7/11. Reunião da Associação dos Patologistas do Estado de São Paulo (Apesp). Conferência do Dr. Klaus Lewin, da UCLA (EUA), sobre **Patologia Gastrointestinal**. Anfiteatro de Biociências. Das 14h às 18h. Informações: (014) 821-2121, ramais 2146/2042/2238.

• 8/11 a 13/12. Curso Prático de **Cultivo Doméstico e Conservação de Frutas, Flores, Plantas Medicinais e Hortaliças**. Cinco módulos que visam proporcionar às donas-de-casa e à população em geral noções sobre aspectos técnicos de manejo e seleção de espécies adequadas para pomar e horta domésticos. Oferece informações sobre como cultivar as plantas ornamentais mais comuns e sobre as melhores e mais práticas atividades na conservação de alimentos. No Departamento de Horticultura da Faculdade de Ciências Agronômicas (FCA). Taxa de inscrição: R$5,00 por módulo. Vagas limitadas. Informações: (014) 821-3883, ramal 172.

• 19 e 20/11. III *Workshop* de **Integração Ensino-Pesquisa**. Mestrado profissional: uma alternativa para a **AgroIndústria**. Público-alvo: representantes das associações de pequenas e médias empresas do setor da agroindústria, pesquisadores, coordenadores, docentes e alunos de cursos de pós-graduação da área agrícola. No Centro de Raízes Tropicais (CERAT), unidade complementar da UNESP. Informações: (014) 821-3883.

• 21/11. Término das inscrições para o Curso de Extensão Universitária **Introdução às Teorias do Caos e dos Fractais** a ser realizado entre 3 e 5/12 no Anfiteatro do Instituto de Biociências (IB). 50 vagas. Taxa: R$40,00 (sem material). Informações e reservas: (014) 821-2121, ramais 2254 ou 2346, com Sílvia ou João Carlos.

FRANCA

• 3 e 4/11. II Encontro Interdisciplinar sobre os **Direitos do Homem**. Temas: "A globalização dos direitos humanos", "A inserção dos deficientes no mercado de trabalho" e "Tratamento social de menores e idosos". Na Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS). Informações: (016) 711-1900.

• 5/11. II Noite da **Cidadania**. Promoção do Núcleo de Estudos dos Direitos do Homem, Cultura e Cidadania da FDHSS. Haverá entrega ao prefeito municipal e aos vereadores de projetos sobre defesa do meio ambiente, integração de deficientes na escola e no trabalho, aproveitamento do idoso aposentado, construção da cidadania da criança e do adolescente. Na FDHSS. Informações: (016) 711-1900.

GUARATINGUETÁ

• 9/11. Encerramento das inscrições para o III Congresso Latino-Americano: **Geração e Transmissão de Energia Elétrica**, a ser realizado entre 9 e 13/11. Objetiva analisar o crescente aumento de demanda de energia elétrica nos países latino-americanos. Promoção da UNESP, Universidad Católica de Valparaíso (Chile) e Universidad Nacional de Mar del Plata (Argentina). No Mont Blanc Hotel, em Campos de Jordão. Taxa: US$430,00 (com antecedência) e US$450,00 (no dia 9), com direito a livre acesso a todas as atividades, incluindo coquetel, jantar de confraternização, quatro dias de almoço e anais do evento. Inscrições: (012) 525-2800, ramal 132.

MARÍLIA

• 3 e 4/11. **O Oriente não é um acidente**. Palestras do embaixador Sérgio Bath (Universidade de Brasília e Instituto Rio Branco) seguidas de debates. Dia 3, "Kautilya e Maquiavel: um diálogo no tempo". Dia 4, "Relações internacionais e a Ásia na perspectiva de uma era globalizada". Na Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC). Informações: (014) 433-1844, ramais 177 e 195.

S.J. RIO PRETO

• 14/11. Palestra "Biologia das **Lesões Prostáticas**", de Sebastião Roberto Taboga. No Departamento de Biologia do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), às 16h. Informações: (017) 224-4966.

SÃO PAULO

• Todos os sábados, das 10h às 12h. Inscrições para o **Coral Infanto-Juvenil** do Instituto de Artes (IA). Idade: ente 7 e 12 anos. Informações no IA, com a profa. Marisa Fonterrada, das 10h às 12h, ou pelo telefone (011) 274-4733, ramal 221.

• 1/11. Oficina Gratuita de **Canto Coral**. O Grupo Vocal "Boca do Polvo", composto por alunos de música do IA, realiza o evento visando a educação musical por meio da voz. Coordenação do prof. Samuel Kerr. Na sala Fúrio Franceschini, no IA, às 14h. Inscrições: (011)274-4733, ramal 221, com Patrícia ou Rogério.

• 19/11. Divulgação do resultado e entrega de prêmios do **Concurso de Composição para Órgão** Fúrio Franceschini, que contou com 69 peças inscritas do Brasil, EUA, Argentina, Austrália, Canadá e Bélgica. No IA, às 13h. Informações: (011) 274-4733.

Filosofia em debate

Evento investiga pensamento dos mestres

Discutir o percurso das diversas filosofias e a obra de pensadores, como Aristóteles, Pascal, Voltaire e Hegel. Esse é apenas um dos numerosos temas que serão enfocados durante a XXI Jornada de Filosofia e Teoria das Ciências Humanas, a ser realizada de 17 a 20 de novembro, no Anfiteatro da Faculdade de Filosofia e Ciências (FCF) da UNESP, câmpus de Marília. Filosofia, História da Filosofia e Historiografia da Filosofia serão discutidos por filósofos do Brasil e do Exterior. "Um dos maiores destaques deste encontro será a aproximação entre professores de filosofia da Itália e do Estado de São Paulo", diz o filósofo Ubirajara de Azevedo Marques, professor do Departamento de Filosofia da UNESP, câmpus de Marília.

Silhueta de Voltaire recortada por Jean Hubert

Logo após a abertura solene, haverá conferências com Salma Muchail (PUC/SP) e Franklin Leopoldo e Silva (USP). Durante os dias 18 a 20, ocorrerão comunicações, entre elas, a do professor Marques e a de Antonio Trajano Arruda, também da FCF, e a de Marilena Chauí (USP), que falará sobre "Fazer história da filosofia". No dia 21, ocorrerão *workshops* com os filósofos italianos Enrico Feldmann (Università di Milano), Gregorio Piaia (Università di Padova) e Stefano Poggi (Università di Firenze). "Trata-se de uma oportunidade ímpar para conhecer a historiografia italiana, já que conhecemos mais a francesa e a inglesa", diz Trajano. Inscrições até 7 de novembro, no Núcleo de Apoio às Atividades Acadêmicas da FCF. Telefone: (014) 433-1844, ramais 177 e 195. Fax: (014) 422-4797 ou pelo e-mail cabide@mii.nutecnet.com.br

Atenção, unidades:

Prazo para envio das informações sobre os eventos para as futuras edições do **Jornal da UNESP**:
– edição de dezembro, 18/11

A literatura de calças curtas

Tratamento acessível a temas universais garante sucesso da literatura infantil

A Galinha dos Ovos de Ouro: La Fontaine por Gustavo Doré

Segundo a Fundação João Pinheiro e a Câmara Brasileira do Livro, foram lançados, no ano passado, 6 485 títulos infantis, num total de quase 38 milhões de exemplares. Essas cifras representam um crescimento de 17% em relação a 1995. O que esses livros têm em comum para vender tanto? De que forma eles atingem as crianças? Foram justamente essas questões que motivaram o professor José Nicolau Gregorin Filho a escrever a dissertação de mestrado *A roupa infantil da literatura*. Apresentado em março último, no Departamento de Lingüística da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara, o trabalho conclui que os conteúdos da literatura adulta e da infantil são basicamente os mesmos. O que muda é a forma. "A chamada literatura infantil ocorre apenas quanto à elaboração do texto, porque a estrutura mais profunda mascara e conserva os valores historicamente produzidos pela sociedade", argumenta Gregorin Filho.

Ao longo de sua dissertação, o pesquisador analisa uma série de textos infantis. *É proibido miar*, de Pedro Bandeira; *O menino mais bonito do mundo*, de Ziraldo; *O menino que aprendeu a ver* e *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha, são comparados, respectivamente, a *O patinho feio*, de Hans Christian Andersen; *A importância do ato de ler*, de Paulo Freire; ao *Gênesis*; e ao tratamento dado pela imprensa à ascensão e queda do ex-presidente Fernando Collor de Mello. Além de Ruth Rocha, Pedro Bandeira e Ziraldo, o doutorando exemplifica com o poeta e tradutor José Paulo Paes, autor de uma dezena de livros infantis e infanto-juvenis. "A poesia dele estimula a imaginação, sendo ótima para trabalhar em sala de aula", diz.

PODER

De acordo com Gregorin, a maioria dos autores de livros infantis se limita a recriar antigos modelos de modo a tornar esses temas mais acessíveis à criança. Há porém, segundo ele, alguns escritores que se destacam justamente por respeitar a inteligência dos jovens leitores. "Ruth Rocha, por exemplo, trata a questão do poder com um discurso voltado para a criança em termos de linguagem", argumenta Gregorin. "Mas o questionamento do tema extrapola o universo infantil e invade o cotidiano de todos nós."

José Paulo Paes, que estreou no gênero infantil em 1984, com *É isso ali*, admite que escrever para crianças não é fácil. "Aprendi com Monteiro Lobato que é pelo trampolim do riso, não pela lição de moral, que se chega ao coração das crianças", diz. Lembra ainda que, até o autor de *Caçadas de Pedrinho*, publicavam-se no Brasil geralmente adaptações de histórias de autores franceses do século XVII (*veja quadro*). A importância de Lobato também é ressaltada por Gregorin. "As relações de poder no universo do Sítio do Pica-Pau Amarelo podem e merecem ser analisadas", diz.

Buscar as estruturas de poder no Sítio do Pica-Pau Amarelo seria uma tarefa à altura da dissertação de Gregorin. Segundo a professora Edna Maria Fernandes do Nascimento, do Departamento de Lingüística da FCL, orientadora do mestrado e também do doutoramento em andamento, Gregorin busca justamente determinar como os símbolos atuam na sociedade. "Ele segue uma linha de pesquisa que mescla fontes francesas, mais áridas, com teorias que buscam o prazer no ato da leitura", comenta.

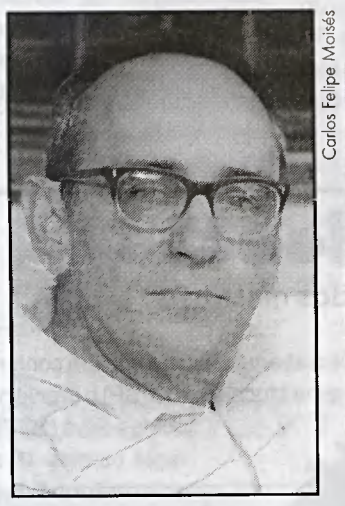
As crianças, de acordo com Gregorin, continuam lendo as mesmas coisas que os adultos, como acontecia antes do surgimento da pedagogia, no século XVII. "Só que agora os temas surgem numa roupa nova, mascarando os valores criados pela sociedade". A questão não estaria tanto no quanto ou no que se lê, mas na competência do leitor. "Não é necessário ler um livro por mês. O importante é que seja realizado um trabalho proveitoso, que estimule o aluno a se envolver com a literatura."

Escrever para jovens seria um desafio. Não se pode ser excessivamente didático ou hermético. "Uma das coisas boas que aprendi escrevendo para crianças foi simplificar, sem empobrecer, a linguagem da poesia", diz Paes, que recebeu, por *Poemas para brincar*, o Prêmio Jabuti de Melhor Livro Infantil de 1990. Fazer poesia de qualidade para jovens exige talento. "Além de enfrentar limitações quanto a vocabulário, assuntos, alusões e referências, é preciso descobrir o tom certo." A tarefa também não é rápida. "Embora cada um dos meus livros de poesia para crianças contenha poucos textos, custa-me muito trabalho escrevê-los e aperfeiçoá-los até o ponto de satisfazerem o meu senso crítico", diz Paes.

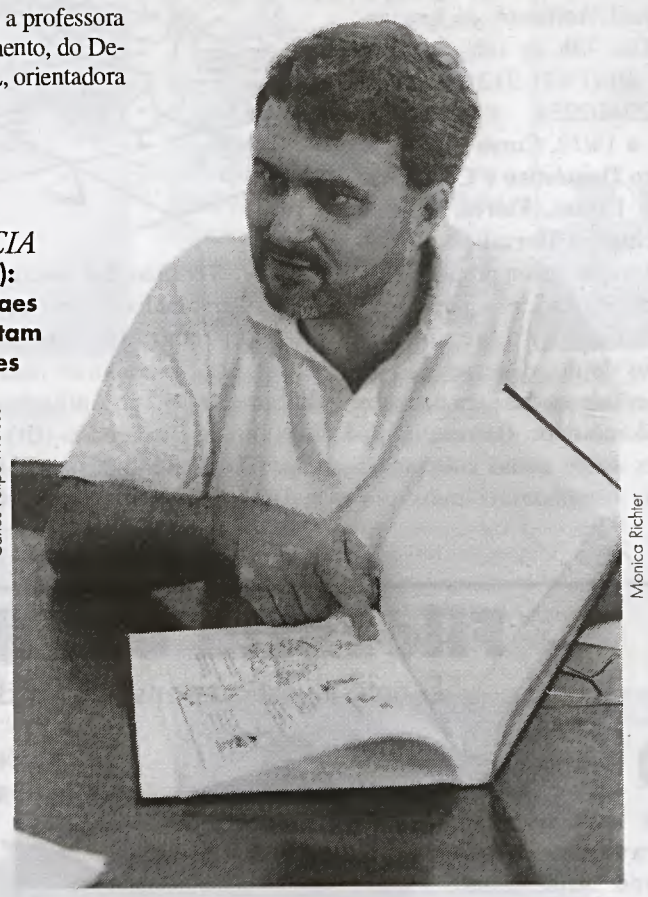
Para Gregorin, os atuais escritores de livros para crianças costumam resgatar figuras tradicionais, como reis, bruxas e fadas, para produzir textos que sejam aceitos pela sociedade como apropriados para leitores mirins. Assim, o texto seria "vestido" com uma "roupagem" que se julga própria para crianças. "Porém, os valores existentes na obra não são infantis, adultos ou senis, mas humanos e atemporais."

Oscar D'Ambrosio

INTELIGÊNCIA
Gregorin (*à dir.*): autores como Paes (*abaixo*) respeitam os jovens leitores



Carlos Felipe Moisés



Monica Richter

O século das letrinhas

A literatura chamada infantil só deslancha no Brasil com Monteiro Lobato, a partir dos anos 40. Antes dele, predominavam as traduções francesas. "Na Europa, não havia de início uma literatura intencionalmente dirigida à criança, mas o componente maravilhoso das lendas mitológicas e das fábulas atraía o público infantil", explica José Nicolau Gregorin Filho. Somente no século XVII, com o desenvolvimento da pedagogia, aparecem os livros especificamente destinados à infância. Eram contos fantásticos, inspirados em lendas e tradições orais populares. "Todos nós temos características desses personagens em algum momento de nossas vidas", avalia Gregorin Filho.

A literatura escrita para crianças viveu um *boom* no século XIX, com o desenvolvimento dos estudos sobre psicologia voltados para a educação. É a época em que os Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen e Lewis Carroll publicaram suas obras. "Até então, não havia uma separação nítida entre o público infantil e o adulto", diz Gregorin. Antes do século XIX, as crianças mais abastadas tinham acesso aos clássicos e eram orientadas pelos pais e preceptores, enquanto as mais pobres não tinham acesso à escrita e à leitura. "Tanto hoje como naquela época, porém, o bem e o mal integravam o imaginário da criança". Hoje, as mesmas histórias de sempre estão disponíveis no computador, com a vantagem de serem animadas. Para Gregorin, no entanto, nada substitui o livro. "Como ele não se move, a mente é obrigada a se mexer", argumenta.

Leblanc

Personagens de Lobato: anos 40

(O.D.)